



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



FABIANO DA SILVA RAMOS

**ENSINO DE HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA DE POVOS ORIGINÁRIOS DE
PARAUPEBAS/PA: MUSEU HILMAR HARRY KLUCK E ASSOCIAÇÃO
MULHERES DE BARRO COMO ESPAÇOS PEDAGÓGICOS**

ANANINDEUA

2025

FABIANO DA SILVA RAMOS

**ENSINO DE HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA DE POVOS ORIGINÁRIOS DE
PARAUAPEBAS/PA: MUSEU HILMAR HARRY KLUCK E ASSOCIAÇÃO
MULHERES DE BARRO COMO ESPAÇOS PEDAGÓGICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino Profissional de História da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Orientador: Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz

ANANINDEUA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

R175 Ramos, Fabiano da Silva.
Ensino de História e a Arqueologia de povos originários
de Parauapebas/PA: Museu Hilmar Harry Kluck e
Associação Mulheres de Barro como espaços pedagógicos /
Fabiano da Silva Ramos. — 2025.
106 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional
em Ensino de História, Ananindeua, 2025.

1. Ensino de História. 2. Arqueologia. 3. História
local. 4. povos originários. I. Título.

CDD 372.1623



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

FABIANO DA SILVA RAMOS

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes e Profa. Dra. Ana Cristina Rocha Silva reuniu-se no dia 19 de dezembro de 2025, às 09:00 horas, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **FABIANO DA SILVA RAMOS** intitulada: “ ENSINO DE HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA DE POVOS ORIGINÁRIOS DE PARAUAPEBAS/PA: MUSEU HILMAR *HARRY KLUCK* E ASSOCIAÇÃO MULHERES DE BARRO COMO ESPAÇOS PEDAGÓGICOS”. Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE** pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso. Informamos ainda que a defesa ocorreu de forma remota, através de videoconferência na Plataforma Google Meet.

Documento assinado digitalmente
 **RAIMUNDO ERUNDINO SANTOS DINIZ**
Data: 19/12/2025 11:58:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **FRANCIVALDO ALVES NUNES**
Data: 19/12/2025 12:35:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Membro da Banca / PPGEH /UFPA

Documento assinado digitalmente
 **ANA CRISTINA ROCHA SILVA**
Data: 19/12/2025 12:26:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Cristina Rocha Silva
Membro Externo da Banca / PPGH / UNIFAP

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão aos meus pais, os verdadeiros alicerces desta conquista. Mesmo enfrentando as adversidades da vida na periferia de Belém, vocês tiveram a coragem e a grandeza de ousar sonhar um futuro melhor para mim. Agradeço por cada luta travada, pela dedicação incansável e pelos conselhos que me guiaram a não desistir dos estudos. Se hoje me torno um profissional e um cidadão mais consciente, é graças ao exemplo de dignidade e amor que recebi em casa. Amo vocês eternamente.

Expresso meu sincero agradecimento ao amigo Dr. João Neto, pela generosidade em compartilhar seu tempo e conhecimento. Sua disponibilidade para o diálogo e suas valiosas orientações foram fundamentais para o refinamento das ideias e para o direcionamento metodológico desta pesquisa.

Há amigo mais chegado que irmão' (Provérbios 18:24). É com base nessa verdade que expresso minha profunda gratidão aos amigos que estiveram ao meu lado e me apoiaram incondicionalmente. Agradeço por tê-los em minha vida, especialmente por me sustentarem em um dos momentos mais difíceis que enfrentei. Minha gratidão especial à “Chica” e ao “Anjinho”, cuja presença foi essencial, assim como à Dona Raimunda e sua família, que me acolheram com carinho. Vocês são parte fundamental desta vitória.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Diniz, expresso meu profundo agradecimento. Sua sabedoria e rigor acadêmico foram essenciais para a construção deste trabalho. Mais do que isso, agradeço pela compreensão e pelo incentivo constante nos momentos de incerteza, não me deixando desistir deste projeto. Sua orientação segura e humana foi determinante para que eu chegasse até aqui.

À minha amiga e colega de trabalho, Camila, expresso minha gratidão pelas valiosas contribuições e pela leitura atenta. Agradeço por estar sempre disponível para dialogar, oferecendo sugestões pertinentes que auxiliaram significativamente no desenvolvimento e aprimoramento deste trabalho.

Por fim, e acima de tudo, elevo minha gratidão a Deus. Agradeço pelo dom da vida, pela saúde e pela força espiritual que me sustentou durante toda esta jornada. Foi Ele quem renovou minhas esperanças nos dias difíceis e me permitiu chegar até aqui para concluir este trabalho, realizando este sonho de forma tão gratificante.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar o potencial pedagógico de espaços não escolares de memória, especificamente o Museu Hilmar Harry Kluck e o Centro Mulheres de Barro, na construção do conhecimento histórico. Busca-se compreender como essas instituições contribuem para que os estudantes assimilem a história dos povos originários que habitaram ancestralmente a região de Parauapebas, promovendo uma articulação direta com o conteúdo programático de sala de aula. Analisa-se, também, o papel social da escola como agente mobilizador, responsável por democratizar o acesso e incentivar a frequência dos discentes a esses equipamentos culturais. Por fim, o estudo apresenta a elaboração de um material didático-pedagógico (cartilha ilustrada), desenvolvido como ferramenta mediadora para conectar a teoria escolar, a vivência nos espaços de memória e a identidade cultural dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de história; arqueologia; história local; povos originários.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the pedagogical potential of non-formal memory spaces—specifically the Hilmar Harry Kluck Museum and the Mulheres de Barro Center—in the construction of historical knowledge. It seeks to understand how these institutions contribute to the students' assimilation of the history of the Indigenous peoples who ancestrally inhabited the Parauapebas region, fostering a direct connection with classroom curricular content. The study also examines the social role of the school as a mobilizing agent responsible for democratizing access to and encouraging student attendance at these cultural facilities. Finally, the research presents the development of didactic-pedagogical material (an illustrated booklet), designed as a mediating tool to bridge the gap between school theory, the experience within memory spaces, and the students' cultural identity.

Keywords: History Teaching; Archaeology; Local History; Indigenous Peoples.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto da fachada da escola.....	22
Figura 2 - Mapa de localização da EMTI Paulo Fontelles de Lima	23
Figura 3 - Área de recreação da escola, com palco ao fundo.....	24
Figura 4 - Sala de História tematizada de acordo o tema da disciplina	25
Figura 7 - visão 3D da cidade de Parauapebas	28
Figura 8 - localização Museu de Parauapebas	36
Figura 9 - fachada do Museu de Parauapebas	37
Figura 10 - Peça de cerâmica coletada às margens do rio Parauapebas.....	38
Figura 11 - Cocar usado em rituais religiosos por pajé. material doado pelos Xikrin do Cateté.....	39
Figura 12 - Máquina de escrever da antiga.....	39
Figura 13 - sítios arqueológicos do município de Parauapebas.....	40
Figura 14 - Salão de visitas do Centro Mulheres de Barro.....	42
Figura 15 - Espaço do ateliê onde são produzidas as cerâmicas	43
Figura 16 - Localização Centro Mulheres de Barro.....	44
Figura 17 - fachada do Centro Mulheres de Barro no Rio.....	44
Figura 18 - Algumas peças que servem como inspiração para a produção de cerâmica do Centro Mulheres de Barro.....	45
Figura 19 - Vasos de cerâmica com reprodução de grafismos	46
Figura 20 - Questionário de visita ao museu de Parauapebas	55
Figura 21 - Um dos itens da exposição que mais chamou a atenção dos estudantes por conta da datação de 6000 anos.....	58
Figura 22 - estudante aprende a produzir uma peça de cerâmica	59
Figura 23 - peça de cerâmica produzida por um estudante na oficina do Centro Mulheres de Barro	60
Figura 24 - Estudante aprende prática milenar de criação de peças de cerâmica	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de alunos por histórico de visita ao museu	54
Gráfico 2 – Como os alunos que visitaram o museu o fizeram antes	54
Gráfico 3 – Visita de estudantes ao centro Mulheres de Barro1	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANM – Agência Nacional de Mineração
ASG – Auxiliar de Serviços Gerais
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CFEM – Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais
CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos
CVRD – Companhia Vale do Rio Doce
EMTI – Escola Municipal de Tempo Integral
FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISA – Instituto Socioambiental
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PGC – Projeto Grande Carajás
PPP – Projeto Político-Pedagógico
PROSAP – Programa de Saneamento Ambiental, Macrodrenagem e
Recuperação de Igarapés e Margens do Rio Parauapebas
SEMED – Secretaria Municipal de Educação
SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01	14
1 TRAJETÓRIA CONECTADA: jornada Docente, a escola e a história local de Parauapebas.....	14
1.1 Parauapebas a capital do minério	14
1.2. Aproximação ao tema: ser docente em Parauapebas.....	16
1.3 Lócus de pesquisa: a Escola Paulo Fontelles de Lima	21
1.4 Parauapebas: um breve histórico.....	26
1.5 Antes do PGC: o povo Xikrin do Cateté	32
CAPÍTULO 2	35
2 SABERES HISTÓRICOS EM DIFERENTES ESPAÇOS DE MEMÓRIA: O MUSEU MUNICIPAL DE PARAUAPEBAS HILMAR HARRY KLUCK E O CENTRO MULHERES DE BARRO	35
2.1 O Museu Municipal de Parauapebas Hilmar Harry Kluck.....	35
2.2 O Centro Mulheres de Barro	41
2.2.1 História do Centro	45
CAPÍTULO 3	48
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: A PRENDIZAGEM NO MUSEU MUNICIPAL HILMAR HARRY KLUCK E NO CENTRO MULHERES DE BARRO ..	48
3. 1 Ensino de História em espaços não escolares e a história local	48
3.2 Ensino de História, Arqueologia e Educação Patrimonial	50
3.3 Prática Pedagógica I: o Museu Hilmar Harry Kluck.....	52
3.4 Prática Pedagógica I: O Centro Mulheres de Barro	57
CAPÍTULO 4	64
4 O PRODUTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO	64
4.1 A escolha do produto	64

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A – ROTEIRO DE VISITA.....	72
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE VISITA.....	74
APÊNDICE C – PRODUTO EDUCACIONAL	75

INTRODUÇÃO

Ao considerar a formação histórica de Parauapebas, é comum narrar sua trajetória a partir da implantação do Projeto Grande Carajás (PGC). Buscando romper com essa narrativa tradicional e evidenciar a história ancestral da região, o título deste trabalho, "Ensino de história e a arqueologia de povos originários de parauapebas/PA: museu Hilmar Harry Kluck e Associação Mulheres de Barro como espaços pedagógicos", busca justamente refletir a profunda conexão entre o ensino de História e a valorização da cultura local.

Ao observar aspectos da história local, o presente estudo evidencia a importância de instituições como o Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck, guardião de artefatos e conhecimentos sobre os povos originários. Simultaneamente, a Associação das Mulheres de Barro desempenha um papel crucial na preservação da memória ancestral, através da produção de cerâmica inspirada em técnicas milenares e da promoção do diálogo entre passado e presente. Assim, o título propõe um ensino de história contextualizado e significativo, que reconheça a riqueza cultural da região e a contribuição inestimável dos povos que a habitaram.

Uma análise preliminar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) evidencia que os museus, ao proporcionarem o contato direto com objetos e documentos históricos, transformam o aprendizado em uma experiência concreta e significativa. Nesse contexto, o Museu de Parauapebas e a Associação das Mulheres de Barro emergem como importantes aliados no ensino de história, oferecendo aos alunos uma imersão no rico patrimônio cultural e arqueológico da região de Carajás.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, substituirei o termo "Pré-História" por expressões como "as primeiras sociedades humanas" ou "a história antes da escrita". Essa decisão alinha-se com a tendência observada em livros didáticos contemporâneos (inclusive no livro didático utilizado na escola), que buscam evitar o termo "Pré-História" por considerá-lo eurocêntrico e carregado de conotações que podem depreciar as sociedades que o antecederam. Ao adotar essa mudança, o trabalho busca promover uma compreensão mais inclusiva e respeitosa do passado, reconhecendo a complexidade e a riqueza das culturas que existiram antes do surgimento da escrita.

Dessa forma, alinhado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Plano de Ensino da rede municipal de Parauapebas, este projeto será implementado com estudantes do 6º ano da Escola de Ensino Integral Paulo Fontelles de Lima, com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos sobre a rica história que antecede a exploração mineral em Parauapebas.

A decisão de integrar o conhecimento de sala de aula com o Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck e a Associação das Mulheres de Barro neste projeto se harmoniza com a linha de pesquisa "Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória" do ProfHistória. Essa abordagem visa justamente proporcionar aos estudantes uma experiência de aprendizado transformadora, permitindo-lhes compreender que o conhecimento vai além dos muros da escola.

A ideia para esta pesquisa surgiu a partir de reflexões e inquietações que me acompanharam durante as aulas das disciplinas obrigatórias do Prof-História, na turma de 2023. Cada encontro e discussão em sala de aula foram fundamentais para despertar meu interesse em investigar a história de Parauapebas a partir da herança material deixada pelos povos originários que habitaram esse território no passado e compreender como essa abordagem poderia ser utilizada no ensino de história para alunos do Ensino Fundamental. As leituras, os debates e as atividades propostas pelos professores me incentivaram a buscar uma forma de ensino mais crítica e engajadora, que valorizasse a história local e a diversidade cultural. Dessa forma, o projeto se configurou como uma oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a formação.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado "Trajetória conectada: minha jornada docente, a escola e a história local de Parauapebas" irei apresentar um panorama histórico da minha jornada como docente, da Escola Municipal de Educação Integral Paulo Fontelles de Lima, do município de Parauapebas e da presença do povo Xikrin do Cateté como parte importante para compreender a ocupação humana da região.

Compreender a escola, considerando sua localização, o entorno social e o perfil do público que a frequenta, é essencial para traçar os rumos de uma pesquisa focada em ensino. Afinal, esses elementos fornecem informações cruciais sobre o contexto em que a escola está inserida e as necessidades específicas da comunidade escolar.

Isso permite que a pesquisa seja mais direcionada e relevante, contribuindo para a construção de conhecimentos que realmente façam a diferença na prática educativa.

Além disso, a história de Parauapebas e sua importância no contexto do Pará são relevantes para a presente pesquisa. Embora a narrativa da fundação do município a partir da implantação do Projeto Grande Carajás (PGC) não seja o foco deste trabalho, contextualizar a região no sudeste paraense, onde Parauapebas está localizada, é crucial. Isso implica abordar sua trajetória histórica, desde o desenvolvimento impulsionado pela exploração mineral até seus desafios e conquistas contemporâneos. Nesse contexto, é importante destacar que foi essa narrativa da fundação do município, com foco na mineração, que despertou minha inquietação acerca da importância de considerar a história dos povos originários de Parauapebas para a compreensão da história da região onde o município está inserido.

No segundo capítulo, intitulado “Saberes históricos em diferentes espaços de memória: o Museu Municipal de Parauapebas Hilmar Harry Kluck e o Centro Mulheres de Barro”, apresento um breve histórico destes dois espaços, destacando sua importância fundamental para esta pesquisa. Trata-se de locais que salvaguardam o material arqueológico produzido pelos povos originários que habitaram o território. Nesse contexto, a inclusão da visita ao Museu e da oficina de cerâmica da Associação das Mulheres de Barro como atividades permanentes no currículo do 6º ano da SEMED Parauapebas apresenta-se como uma estratégia para enriquecer o aprendizado da história local. Tais práticas permitem o contato direto com o patrimônio cultural e arqueológico, complementando o conhecimento teórico. Além disso, a interação com os artefatos facilita a compreensão de conceitos históricos abstratos, despertando o interesse dos alunos e tornando o aprendizado mais significativo e duradouro.

No terceiro capítulo, intitulado 'Caminhos metodológicos: aprendizagem no Museu Municipal Hilmar Harry Kluck e no Centro Mulheres de Barro', delinea-se o percurso investigativo da pesquisa. Serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados, com ênfase na descrição das visitas técnicas realizadas a esses espaços de memória. Além de narrar a dinâmica das atividades, o capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos, discutindo como a interação com o acervo e a mediação pedagógica impactaram a aprendizagem histórica dos estudantes.

No quarto e último capítulo, detalha-se o percurso metodológico percorrido para a elaboração do produto educacional: a cartilha intitulada 'O Segredo da Serra: O Mistério de 11 Mil Anos'. Serão expostas as etapas de pesquisa histórica, concepção visual e construção narrativa. Este material foi desenvolvido para servir como suporte pedagógico fundamental, tendo a função de sistematizar e consolidar a aprendizagem dos estudantes, permitindo que eles processem teoricamente as experiências vivenciadas nas visitas aos espaços de memória.

CAPÍTULO 01

1 TRAJETÓRIA CONECTADA: jornada Docente, a escola e a história local de Parauapebas.

1.1 Parauapebas a capital do minério

Parauapebas é comumente conhecida como a "Capital do Minério" devido à sua intensa atividade de extração mineral, especialmente de ferro, que a coloca em posição de destaque na produção e exportação desse recurso. O município também é chamado de "Pebinha de Açúcar", uma alusão ao crescimento populacional acelerado e à diversidade cultural de seus habitantes, atraídos pelas oportunidades de trabalho geradas pela mineração. Essa migração intensa, proveniente de diferentes regiões do país, contribuiu para a formação de uma sociedade dinâmica e plural, composta por pessoas em busca de ascensão econômica e melhores condições de vida. Assim, os apelidos "Capital do Minério" e "Pebinha de Açúcar" refletem a importância da atividade mineradora para a economia local e a diversidade cultural que caracteriza a população de Parauapebas.

A economia de Parauapebas está intrinsecamente ligada à mineração, sendo este setor o principal motor do seu desenvolvimento. Inclusive, a ocupação mais recente do município, iniciada na década de 1980, está diretamente relacionada à implantação do Projeto Grande Carajás (PGC), um megaprojeto de exploração mineral que transformou a região. O PGC atraiu um grande fluxo migratório, impulsionando o crescimento populacional e a urbanização de Parauapebas. A exploração de minério de ferro, em especial, gerou riqueza e oportunidades de emprego, mas também trouxe desafios como o impacto ambiental e a necessidade de diversificar a economia local para garantir um desenvolvimento sustentável a longo prazo.

A atividade mineradora desempenha um papel crucial na economia de Parauapebas, e a arrecadação da compensação financeira pela exploração de recursos minerais (CFEM) ilustra bem essa importância. Conforme os dados consultados nos próprios arquivos do Boletim da Mineração do Governo do estado do Pará, Parauapebas contribuiu significativamente para a arrecadação da CFEM no

estado do Pará, com valores que aumentaram de 466,67 milhões de reais em 2017 para 1.303,63 milhões de reais em 2021. Esse aumento expressivo demonstra o crescimento da atividade mineradora no município e sua relevância para a economia local e estadual. A participação de Parauapebas na arrecadação total da CFEM no Pará também cresceu, passando de 28,97% em 2017 para 36,07% em 2021, o que coloca o município como o maior contribuinte individual nesse quesito.

Abaixo apresento a tabela do relatório do Boletim da Mineração 2024 que demonstra que a atividade mineradora continua sendo o grande forte da economia Parauapebense:

Substância	Valor da CFEM (R\$)		Var.(%) 2022/2023	Part. (%) 2023
	2022	2023		
CFEM Total PA	2.839.884.121	2.699.854.618	-4,9	100
Parauapebas	1.343.885.958	1.192.851.160	-11,2	44,2
Canaã dos Carajás	1.029.107.375	1.043.511.662	1,4	38,7
Marabá	140.463.872	180.426.346	28,5	6,7
Paragominas	63.212.924	70.543.253	11,6	2,6
Itaituba	57.795.855	29.848.588	-48,4	1,1
Curionópolis	58.306.592	55.899.198	-4,1	2,1
Terra Santa	38.737.700	36.441.516	-5,9	1,3
Juruti	26.960.610	30.753.163	14,1	1,1
Oriximiná	22.202.922	17.620.401	-20,6	0,7
Água Azul do Norte	7.934.735	10.881.218	37,1	0,4
Outros	51.275.578	31.078.113	-39,4	1,2

Fonte: ANM, 2024Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2024.

Ao mencionar a ocupação mais recente de Parauapebas, é crucial destacar que se busca neste projeto de pesquisa lembrar que a história da região remonta a um passado distante, muito anterior à implantação do PGC e à exploração mineral em larga escala.

Segundo o arqueólogo Marcos Pereira Magalhães do museu paraense Emílio Goeldi, vestígios arqueológicos encontrados na área de mineração, revelados por meio de pesquisas realizadas como medida de proteção ambiental exigida por lei, comprovam a presença milenar de diferentes grupos indígenas, entre eles os Xikrin do Cateté, que ocupam o território até os dias atuais. Esses sítios arqueológicos, com datações que antecedem em muito a presença humana contemporânea, guardam importantes informações sobre o modo de vida, os costumes e as tradições dos povos que habitaram a região ao longo dos séculos, constituindo um patrimônio histórico e cultural de valor inestimável.

Minha ideia é então proporcionar aos estudantes a oportunidade de compreender e conhecer a história do município de Parauapebas a partir da herança material deixada pelos povos originários que habitaram a região. Para isso, proponho que eles participem ativamente do processo de construção do conhecimento, estabelecendo contato direto com a história e a cultura indígena por meio do Museu Municipal Hilmar Harry Kluck e do Centro Associação das Mulheres de Barro. Essas instituições, enquanto espaços de memória e preservação da história local, desempenham um papel fundamental na valorização e difusão do patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígenas de Parauapebas.

1.2. Aproximação ao tema: ser docente em Parauapebas

Parauapebas marcou o início da minha jornada pedagógica em sala de aula. Como muitos outros moradores, migrei para a cidade atraído pelas oportunidades que o promissor mercado de trabalho local oferecia, especialmente com o crescimento da mineração e o desenvolvimento econômico da região. Encontrei ali um ambiente desafiador e inspirador, onde pude me aprofundar na prática educativa e estabilizando economicamente.

Mesmo antes de me estabelecer em Parauapebas, a cidade já exercia um fascínio sobre mim. Os relatórios arqueológicos da região despertavam minha curiosidade e me transportavam para um passado remoto deixando suas marcas nos sítios arqueológicos da região. Na época, cursava graduação em Belém e estagiava no IPHAN na área de arqueologia, o que me proporcionou um contato privilegiado com as pesquisas locais. Lembro-me de ler os relatórios, fascinado pelas descrições detalhadas dos sítios arqueológicos, artefatos e vestígios que revelavam a história da ocupação humana na região. A cada nova descoberta, minha conexão com Parauapebas se fortalecia, e a vontade de conhecer de perto essa terra rica em história se tornava cada vez mais intensa. Mal sabia eu que, em breve, a cidade deixaria de ser apenas um objeto de estudo para se tornar meu novo lar e palco de uma jornada repleta de descobertas e aprendizados.

Após concluir a graduação em História, uma amiga, cujo pai ministrava aulas em cursinhos preparatórios no sudeste do Pará, especialmente em Parauapebas e Canaã dos Carajás, mencionou que a prefeitura de Parauapebas estava recrutando

professores de diversas áreas, incluindo História. Diante da escassez de oportunidades em Belém, em agosto de 2012, logo após a formatura, decidi me aventurar em Parauapebas em busca de estabilidade profissional.

Naquela quinta-feira, por volta das 19h, embarquei em Belém num ônibus com destino a Parauapebas, ansioso por iniciar essa nova aventura. O veículo, um tanto precário, não oferecia muito conforto para as longas horas de viagem que me aguardavam. A BR-155, que liga Marabá a Eldorado dos Carajás, e a PA-275, conectando Eldorado a Parauapebas, apresentavam condições desafiadoras, com trechos esburacados e poeirentos. A cada sacudida do ônibus, eu me perguntava sobre os desafios que me esperavam nesta nova etapa da minha vida. Apesar do cansaço e das incertezas, a expectativa de construir um futuro em Parauapebas me mantinha motivado. Após longas horas na estrada, o ônibus finalmente chegou ao seu destino, por volta do meio-dia de sexta-feira. Ao desembarcar, fui recepcionado pelo calor intenso e pela atmosfera agitada da cidade e por seus morros exuberantes, que na época víamos desde a entrada da cidade, agora então cortados.

Ao chegar na sexta-feira, deparei-me com a prefeitura em regime de atendimento interno, costumeiro naquele dia da semana naquela época. Diante disso, hospedei-me em um hotel da cidade e aguardei até segunda-feira para entregar meu currículo na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que, na época, funcionava no prédio da prefeitura.

Na segunda-feira, após passar o final de semana em Parauapebas, dirigi-me à SEMED para entregar meu currículo. Fui submetido a um teste, que consistia na elaboração de um plano de aula, e informado de que entrariam em contato comigo caso houvesse necessidade de professor na minha área. Retornei para Belém e, duas semanas depois, recebi a notícia de que havia uma vaga para professor em uma escola de Parauapebas.

A ligação da SEMED despertou em mim uma mistura de euforia e ansiedade. No mesmo dia, apressei-me em comprar a passagem, reuni minhas malas, cheias de expectativas e sonhos, e à noite, embarquei em um ônibus rumo a Parauapebas, pronto para iniciar uma nova fase da minha vida, repleta de desafios e descobertas. Deixaria para trás a familiaridade de Belém, mas carregava comigo a esperança de construir um futuro promissor naquela cidade que, embora distante, já me fascinava com suas histórias e promessas.

Embarcava em uma aventura solitária, rumo a uma cidade desconhecida, distante da minha zona de conforto, de amigos e familiares. A perspectiva de recomeçar a vida em Parauapebas, sem laços ou referências, gerava uma mistura de entusiasmo e apreensão. Contudo, o destino reservava surpresas agradáveis. Durante o final de semana em que permaneci em Parauapebas para entregar meu currículo, tive a oportunidade de conhecer pessoas acolhedoras, entre elas alguns professores que, além de me fornecerem informações valiosas sobre a cidade, ofereceram-me generosamente apoio com a estadia até que eu me estabelecesse. Essa rede de apoio inesperada amenizou a sensação de isolamento e fortaleceu minha confiança na jornada que se iniciava.

Ao chegar à SEMED para receber minha lotação, fui direcionado para a Escola Jean Piaget, no bairro Liberdade. A expectativa era substituir um professor que assumiria um cargo na própria Secretaria de Educação como coordenador técnico de Ensino Religioso. No entanto, minha experiência naquela escola durou apenas uma semana, pois o professor, em uma reviravolta inesperada, desistiu do cargo e optou por permanecer em sala de aula. Diante dessa mudança repentina, recebi uma ligação da professora Rosiete, então chefe do departamento de lotação da SEMED, que me apresentou uma nova possibilidade: assumir uma carga horária de 200 horas em uma escola na zona rural do município. A proposta me pegou de surpresa, mas, motivado pelo desejo de iniciar minha carreira e contribuir para a educação naquela região, acabei aceitando o desafio. Decisão essa que me levaria a uma experiência transformadora e marcaria o início da minha profunda conexão com Parauapebas.

Foi na Escola Alegria do Saber, na Vila Sanção, que finalmente dei início à minha jornada como professor de História, um marco que jamais esquecerei. A rotina era intensa e desafiadora: de segunda a sexta-feira, eu me dedicava integralmente aos alunos da vila, residindo em uma casa de professores custeada pelo município. O ambiente era simples, e a convivência com outros professores proporcionava um rico intercâmbio de experiências e ensinamentos. Nos finais de semana, retornava a Parauapebas, aproveitando para recarregar as energias, rever amigos e mergulhar na atmosfera vibrante do centro urbano. Essa experiência singular, dividida entre a tranquilidade da vila e a efervescência da cidade, me proporcionou um contato profundo com a realidade local e fortaleceu ainda mais minha paixão pela educação e pela rica história da cidade.

Minha jornada na Escola Alegria do Saber, na Vila Sanção, estendeu-se até o final do ano letivo de 2013. A experiência de ensinar na zona rural me proporcionou um contato genuíno com a comunidade local, seus costumes e desafios, e fortaleceu minha convicção de que havia encontrado meu propósito na educação. No entanto, o destino reservava novos rumos para minha carreira. Recebi um convite para lecionar na zona urbana de Parauapebas no ano letivo de 2014, uma oportunidade que me animava por possibilitar um novo ambiente de aprendizagem e novas perspectivas.

Fui lotado novamente na Escola Jean Piaget, ainda como professor contratado. A expectativa de uma maior estabilidade profissional me impulsionou a me dedicar ainda mais à minha formação e aprimoramento. No mesmo ano, surgiu a notícia que tanto aguardava: a abertura do concurso para professores efetivos da Secretaria de Educação do município. Após meses de dedicação e estudo intenso, fui aprovado! A emoção da conquista foi imenso, e em janeiro de 2015, fui convocado, tornando-me membro do quadro de professores efetivos de Parauapebas. Um novo capítulo se iniciava, repleto de expectativas, desafios e a certeza de que minha trajetória na educação estava apenas começando.

Como parte da política de aprimoramento profissional uma sexta-feira de cada mês, as escolas municipais reservam um tempo para a formação de seus professores, proporcionando um espaço de troca de conhecimentos, reflexão sobre práticas pedagógicas e contato com diferentes áreas do saber. Foi durante essas formações que tive a oportunidade de conhecer duas instituições inspiradoras que despertaram meu interesse e plantaram a semente para o desenvolvimento deste projeto: o Museu Municipal Hilmar Harry Klock e a Associação das Mulheres de Barro. Naquela época, o museu ainda não possuía um prédio próprio, existindo apenas como um projeto promissor, enquanto a Associação já desenvolvia um trabalho admirável com as artesãs locais. O encontro com essas instituições representou um divisor de águas na minha trajetória profissional, abrindo caminhos para a valorização da cultura local e sua integração com o processo educativo. (Abordarei mais detalhadamente o Museu e a Associação no capítulo 3).

Em 2017, uma nova página se abriu na minha trajetória profissional: fui transferido para a Escola Paulo Fontelles de Lima, onde atuo até hoje. A mudança, embora inesperada, se deu em virtude da reestruturação de turmas na escola onde eu lecionava, motivada pela não formação de algumas turmas no novo ano letivo.

Confesso que, a princípio, enfrentei a mudança com certa apreensão, pois havia criado laços com a comunidade escolar e me sentia confortável com a rotina que havia estabelecido.

No entanto, a Escola Paulo Fontelles de Lima me acolheu de braços abertos, e logo me encantei com seu ambiente dinâmico e acolhedor. A partir de então, mergulhei em uma experiência profissional rica e transformadora, marcada por desafios, aprendizados e conquistas significativas. As vivências e relações construídas nesta escola deixaram marcas profundas em minha carreira, moldando minha prática docente e me impulsionando a buscar constante aprimoramento.

Guardo com carinho a lembrança de um projeto marcante que desenvolvi com uma turma do 8º ano. Inspirados pelas pinturas de Jean-Baptiste Debret, quando estávamos estudando a vinda da Família Real para o Brasil, obras essas que retratam o Brasil do século XIX, os alunos então recriaram essas obras com um toque singular: substituíram os cenários e personagens originais por elementos da sua própria realidade.

Assim, as paisagens exuberantes de Parauapebas, como o corredor dos ipês floridos e as imponentes serras, ganharam vida nas telas, enquanto aspectos sociais contemporâneos, como a carência de saneamento básico em alguns bairros, foram abordados com sensibilidade e criticidade. Essa releitura criativa das obras de Debret não apenas despertou o interesse dos alunos pela história do Brasil, mas também os incentivou a refletir sobre sua própria realidade e a expressar suas percepções através da arte.

Foi nesse contexto, de 2012 aos dias atuais, que me descobri e me firmei como professor de História em Parauapebas. Ao longo dessa jornada, vivi experiências profundas e transformadoras, que me conduziram a uma reflexão crucial: a importância de integrar a história dos povos originários da região ao currículo do 6º ano. Percebi que muitos alunos desconheciam a riqueza e a profundidade da história indígena local, o que me motivou a buscar formas de trazer essas narrativas para a sala de aula, valorizando a cultura e a ancestralidade desses povos. Acredito que o conhecimento da história indígena é fundamental para a construção de uma identidade local mais inclusiva e representativa, além de promover o respeito à diversidade cultural e a compreensão das raízes profundas da nossa sociedade.

Como bem enfatiza Schmidt (1998, p. 118), "ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. É fazer o aluno entender que o conhecimento histórico não se adquire como um dom". Nesse sentido, a releitura de obras de arte, aliada à reflexão sobre a realidade local, demonstra-se como uma ferramenta pedagógica poderosa. Ao recriar obras como as de Debret, os alunos não apenas se apropriam do conhecimento histórico, mas também o ressignificam, estabelecendo pontes entre o passado e o presente. Essa abordagem dinâmica e criativa, evidenciada na experiência dos alunos após a atividade, estimula o pensamento crítico, a autonomia e o protagonismo dos estudantes, tornando o ensino de História mais efetivo e significativo.

1.3 Lócus de pesquisa: a Escola Paulo Fontelles de Lima

A Escola Municipal Paulo Fontelles, localizada em Parauapebas, no estado do Pará, foi fundada em julho de 1987, conforme consta em seu Projeto Político Pedagógico (2022). O nome da instituição homenageia o advogado e ex-deputado estadual Paulo Fontelles, defensor dos direitos humanos e dos trabalhadores rurais, assassinado por pistoleiros em 11 de junho de 1987. Fontelles atuou ativamente na defesa dos camponeses e denunciou crimes cometidos por latifundiários durante o período da Ditadura Militar, o que o tornou alvo de ameaças e perseguições. A escolha do nome da escola busca preservar a memória de sua luta e inspirar os alunos a defenderem a justiça e a cidadania.

A escola está localizada na Rua Duque de Caxias, Quadra Especial, bairro Rio Verde. A área é predominantemente residencial, mas conta com uma expressiva presença de comércio local, incluindo supermercados, bares e restaurantes, salões de beleza e uma variedade de lojas de departamento, eletrodomésticos e celulares nas ruas principais do bairro. Essa concentração de estabelecimentos comerciais reflete a dinâmica econômica local. O perfil socioeconômico dos alunos que frequentam a escola é marcado por uma significativa presença de famílias de baixa renda, segundo dados do Projeto Político Pedagógico (2022).

Figura 1 - Foto da fachada da escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Nas proximidades da escola, a paisagem urbana passou por uma grande transformação com a implantação do Programa de Saneamento Ambiental, Macrodrenagem e Recuperação de Igarapés e Margens do Rio Parauapebas (PROSAP). Duas praças convidativas, com pistas laterais que serpenteiam ao longo do Igarapé Ilha do Coco, foram construídas, oferecendo espaços de lazer e contemplação para a comunidade. No entanto, a implantação do projeto também gerou impactos ambientais, com a remoção das matas ciliares que outrora margeavam o igarapé.

Segundo o site do PROSAP, vinculado à Prefeitura de Parauapebas, o objetivo do programa é promover a melhoria da qualidade de vida da população e o desenvolvimento socioeconômico e sustentável da área de intervenção. Para isso, o programa prevê a implantação de infraestrutura de saneamento ambiental, como redes de esgoto e estações de tratamento de água, e melhorias na mobilidade urbana, com a construção de vias de acesso e ciclovias. No entanto, é fundamental que o desenvolvimento urbano se dê de forma equilibrada, considerando a preservação ambiental e a mitigação dos impactos socioambientais.

Figura 2 - Mapa de localização da EMTI Paulo Fontelles de Lima



Fonte: Google Earth, 2024

A escola atualmente acolhe 585 alunos do 4º ao 9º ano, distribuídos em dois turnos. O primeiro turno, das 7h às 10h45, atende turmas do 2º ciclo (4º e 5º anos), enquanto o segundo, das 10h30 às 17h30, abriga turmas do 3º e 4º ciclos (6º ao 9º anos). A estrutura física da escola é composta por:

- 15 salas de aula, proporcionando espaços adequados para o aprendizado;

- 1 sala multifuncional, com capacidade para 20 alunos, destinada ao atendimento de estudantes com necessidades especiais;

- 1 laboratório de informática, equipado com 25 computadores, oferecendo recursos tecnológicos para o desenvolvimento de habilidades digitais;

- 1 sala de leitura e 1 biblioteca, incentivando o hábito da leitura e o acesso à informação;

- 1 auditório com capacidade para 100 pessoas, utilizado para eventos, palestras e atividades culturais;

- 1 quadra de esporte, promovendo a prática esportiva e o desenvolvimento físico dos alunos e da comunidade.

A equipe da escola é formada por 70 funcionários, incluindo professores, gestores, coordenadores pedagógicos, auxiliares de serviços gerais (ASG), merendeiras e pessoal de apoio, todos servidores essenciais para a implantação de

um ambiente educacional de qualidade que visa promover o desenvolvimento integral dos alunos.

Figura 3 - Área de recreação da escola, com palco ao fundo



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Até 2021, a escola atendia alunos do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e do ensino fundamental II (6º ao 9º ano). A partir de 2022, a escola passou por uma transformação significativa, adotando a modalidade de tempo integral para os alunos do 6º ao 9º ano. Essa mudança implicou na exclusão gradual das turmas do ensino fundamental I, com a redução de duas turmas a cada novo ano letivo. O objetivo é que, em breve, a escola passe a atender exclusivamente alunos do 6º ao 9º ano em tempo integral.

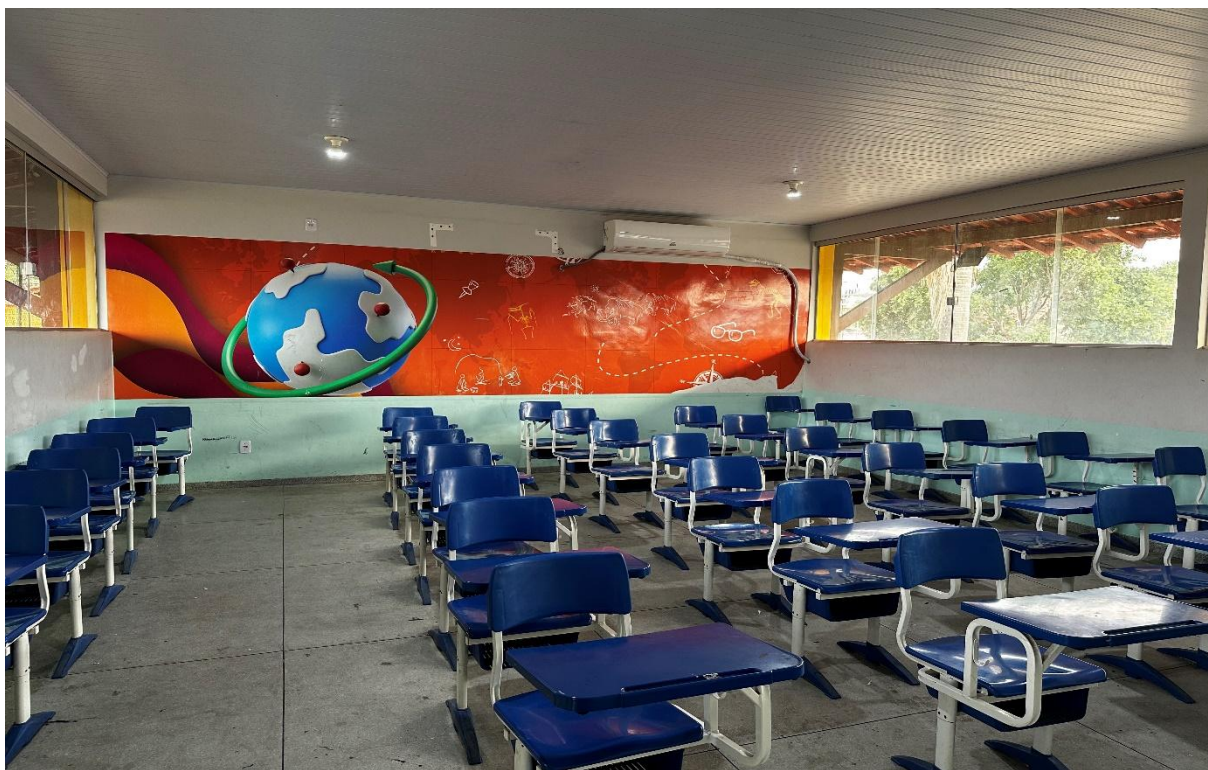
Atualmente, o funcionamento da escola se organiza da seguinte forma: das 7h às 10h45, as turmas do 5º ano ocupam as salas de aula, enquanto os alunos do 6º ao 9º ano têm um momento de convivência na quadra na entrada de seu turno as 10h:30. Às 10h45, os alunos do 5º ano se despedem, e os alunos do 6º ao 9º ano iniciam suas atividades em sala de aula às 11h, permanecendo na escola até às 17h30. Essa

organização permite que a escola aproveite ao máximo seus espaços e recursos, garantindo um ambiente dinâmico e acolhedor para todos os alunos.

Com a adoção do ensino integral no Ensino Fundamental II, a escola passou por uma reestruturação em sua dinâmica. Agora, cada professor tem sua própria sala de aula, personalizada de acordo com a disciplina que leciona. Essa personalização torna o ambiente de aprendizado mais estimulante e propício à exploração de cada área do conhecimento.

Os alunos, por sua vez, desfrutam de uma rotina mais dinâmica, deslocando-se para a sala de aula específica de cada disciplina, conforme o horário previsto. Essa mudança proporciona maior interação entre os estudantes e seus professores, além de incentivar a autonomia e a responsabilidade dos alunos na gestão de seu tempo e aprendizado. Para facilitar a transição entre as aulas, o ambiente escolar conta com uma sinalização clara e objetiva, orientando os alunos em seus deslocamentos pelas dependências da escola.

Figura 4 - Sala de História tematizada de acordo o tema da disciplina



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Como mencionado acima, a Escola Paulo Fontelles de Lima está situada no bairro Rio Verde, considerado o berço da cidade de Parauapebas. No início da década de 1980, antes da emancipação do município em 1988, Rio Verde era um pequeno povoado pertencente a Marabá, conhecido como Vila do Rio Verde. Sua origem está intrinsecamente ligada à implantação do Projeto Grande Carajás (PGC) na Serra dos Carajás, que atraiu um grande fluxo migratório de diversas regiões do país.

Segundo o historiador local Avone José Rocha (2018), enquanto na Serra dos Carajás era criado o núcleo urbano de Carajás, destinado a atender às necessidades da elite da mineração, ao pé da serra surgia o povoado do Rio Verde, com o objetivo de suprir as necessidades dos trabalhadores e imigrantes que chegavam à região. O comércio se desenvolveu rapidamente, com a oferta de produtos e serviços variados, impulsionado pela crescente demanda da população atraída pela atividade mineradora. Com o crescimento da região, impulsionado pela exploração de minério na Serra dos Carajás, o povoado se desenvolveu e se tornou um dos bairros mais antigos e tradicionais de Parauapebas, carregando consigo as marcas da história da cidade.

Sendo assim, a escola está inserida no bairro Rio Verde, que possui grande relevância histórica por ser considerado o berço de Parauapebas. Embora carregue as marcas da história de fundação da cidade e ostente uma vibrante atividade comercial, com lojas dos mais variados segmentos, o bairro também enfrenta desafios socioeconômicos significativos. A falta de saneamento básico adequado, a presença de moradias precárias, algumas em áreas de risco como encostas de morro, e a desigualdade social são problemas que persistem e impactam diretamente a qualidade de vida dos moradores. Essa realidade contrasta com o desenvolvimento econômico impulsionado pela mineração, evidenciando a necessidade de políticas públicas eficazes para garantir a inclusão social e a melhoria das condições de vida de todos os cidadãos.

1.4 Parauapebas: um breve histórico

O nome Parauapebas, de origem tupi-guarani, significa "rio de águas rasas" (LEITE, 2020) e faz referência ao rio homônimo que serpenteia pela região. O Rio Parauapebas, com nascente na Serra Arqueada no município de Xinguara, percorre

cerca de 300 km até desaguar no Rio Itacaiúnas, no município de Marabá, segundo dados do IBGE. Suas águas rasas e leito pedregoso marcaram a paisagem e a história da região, influenciando a vida dos povos indígenas que a habitaram e inspirando a denominação do município. A presença do rio não apenas forneceu recursos hídricos essenciais para o desenvolvimento da vida na região, mas também se configurou como um importante elemento cultural e identitário para seus habitantes.

Parauapebas está localizada na região sudeste do estado do Pará, a uma distância de aproximadamente 700 km da capital, Belém, conforme dados do IBGE. O município ocupa uma área de 6.885,794 km², o que o coloca entre os maiores do estado em extensão territorial. Situada no domínio geográfico da Serra dos Carajás, a cidade apresenta um relevo diversificado, com planaltos, serras e áreas de floresta amazônica. Essa localização estratégica, próxima a importantes vias de transporte como a Estrada de Ferro Carajás e a Rodovia PA-160, favoreceu o desenvolvimento econômico do município, impulsionado pela exploração mineral e pelo comércio. Além disso, a proximidade com o núcleo urbano de Carajás, na Serra dos Carajás, influenciou a urbanização e o crescimento populacional de Parauapebas, que se tornou um importante polo regional no sudeste paraense.

Figura 5 - Mapa de localização do município de Parauapebas no Brasil



Fonte: IBGE, 2024

Figura 6 - Parauapebas no estado do Pará

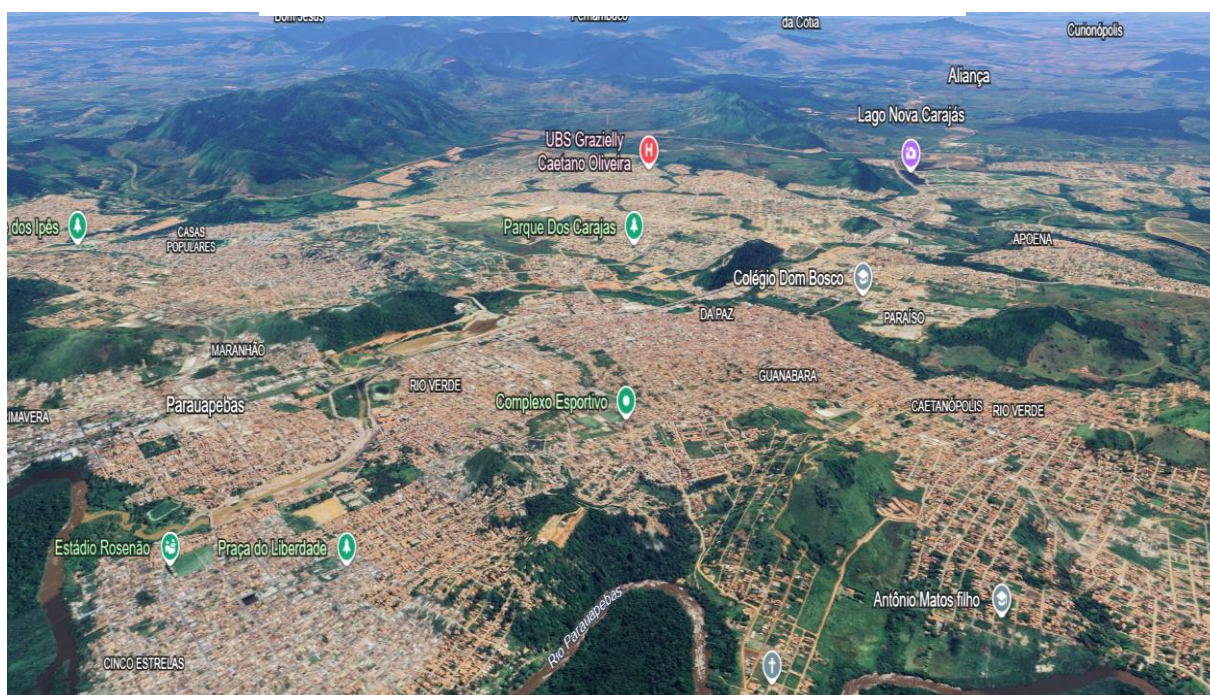


Fonte: IBGE, 2024

A seguinte citação de Avone Rocha, professor de História e pesquisador, residente na cidade, evidencia um paradoxo na ocupação de Parauapebas: "a área que viria a ser Parauapebas era colonizada por pessoas que, na maioria esmagadora

dos casos, eram despossuídas, que estavam à margem de toda aparelhagem financeira, técnica e tecnológica existente no processo de implantação" do PGC (ROCHA, 2018, p. 39). Apesar de atraídas pela promessa de prosperidade associada ao megaprojeto de exploração mineral, a maioria dos migrantes que chegaram a Parauapebas na década de 1980 encontrava-se em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Figura 5 - visão 3D da cidade de Parauapebas



Fonte: Google Earth, 2024

Sem acesso a recursos financeiros, técnicos e tecnológicos, essas pessoas se viram à margem do processo de implantação do PGC, enfrentando dificuldades para garantir moradia, emprego e condições básicas de vida. Essa exclusão social, em meio à riqueza gerada pela exploração mineral, evidencia as contradições do desenvolvimento econômico e a necessidade de políticas públicas que promovam a justiça social e a inclusão dos grupos marginalizados, ainda como enfatizou Rocha:

Essa urbanidade caótica, para ser em parte, levantada, teve como uma de suas fontes de material de construção a utilização de tudo aquilo que esses antigos moradores puderam encontrar tanto na natureza do entorno quanto naquilo que era descartado pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) (ROCHA, 2018, p. 40).

Assim, começava Parauapebas às margens do PGC, enquanto a elite da minerado CVRD se localizava na Serra dos Carajás e no núcleo urbano chamado de Cidade Nova, as pessoas que moravam no Rio Verde viviam em condições extremamente precárias:

Evidentemente que todo esse quadro social generalizado de pobreza – que se via em quase tudo aquilo era reutilizado pelos moradores mais carentes – era sinal notório de contrastes profundos entre eles e as famílias de funcionários da estatal mineradora que residiam ou no bairro Cidade Nova (antigo núcleo de Parauapebas) ou, especialmente, no núcleo de Carajás (ROCHA, 2018, p. 56).

Para compreendermos o processo de ocupação da região onde hoje se encontra Parauapebas, é fundamental analisarmos o surgimento da cidade a partir da perspectiva de autores como Charles Souza e Tania Brunele. Esses pesquisadores abordam a complexa dinâmica de formação do município, relacionando-a à implantação do Projeto Grande Carajás (PGC) e aos interesses da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Para a implantação do empreendimento, a CVRD planejou dois núcleos urbanos distintos, cada um com funções específicas: o Núcleo Urbano de Carajás, na Serra dos Carajás, destinado à moradia dos técnicos e engenheiros responsáveis pela gestão e operação da mina; e o Núcleo Urbano de Parauapebas, ao pé da serra, planejado para abrigar os trabalhadores e suas famílias, oferecendo infraestrutura básica como moradia, escolas e postos de saúde. Essa divisão espacial refletia a hierarquia social e a segregação presentes no modelo de desenvolvimento adotado pela CVRD, com implicações significativas para a organização socioespacial do município, como podemos verificar:

O primeiro abrigaria funcionários da VALE envolvidos diretamente na extração Mineral. Este construído no topo da serra dotado de toda uma infraestrutura, chamado Núcleo Urbano de Carajás – company town ou cidade empresa. O segundo no sopé da serra, foi construído para alojar mão-de-obra na construção da estrada de ferro carajás, na construção civil da company town e na estrada de acesso ao núcleo e pequenos comerciantes denominado Cidade Nova. (SOUZA & BRUNELE, 2008, p. 4)

De acordo com as pesquisas de Mayara Leite (2020), a implantação do PGC e de suas estruturas para atender às necessidades dos trabalhadores responsáveis pela sua operação impulsionou o surgimento do povoado do Rio Verde, o primeiro bairro de Parauapebas, por meio da chegada de imigrantes de diversas partes do

país. O nome Rio Verde é por conta da fazenda que originalmente ocupava a área onde o povoado se estabeleceu. É importante destacar que a ocupação inicial dessas terras ocorreu de forma irregular, com os imigrantes se apropriando das terras sem título de propriedade. Posteriormente, por meio de processos de regularização fundiária conduzidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), esses imigrantes conseguiram obter a posse das terras. Essa dinâmica de ocupação e regularização fundiária marca a história inicial de Parauapebas, evidenciando as contradições e os conflitos sociais presentes no processo de formação do município.

Ainda segundo Leite, a implantação do PGC era uma prioridade do governo militar da época, liderado pelo general João Figueiredo. Nesse contexto, Parauapebas ainda era um pequeno povoado pertencente ao município de Marabá. A fim de acompanhar de perto a implantação do projeto e garantir sua efetivação, a CVRD encarregou o chefe de obras de Marabá, José Francisco de Brito, conhecido como Chico Brito, de supervisionar as atividades na região. Com o aval do presidente João Figueiredo, em março de 1983, Chico Brito foi nomeado administrador regional de Parauapebas, atuando em conjunto com o prefeito de Marabá da época, Paulo Bosco Jadão. Essa nomeação demonstra a importância estratégica do PGC para o governo militar e a necessidade de uma gestão local próxima aos interesses da CVRD.

A atuação de Chico Brito como administrador regional foi fundamental para organizar o crescimento do povoado, implementar infraestrutura básica e preparar o terreno para a futura emancipação de Parauapebas, como:

Implantação dos cursos de 1º e 2º graus na Escola General Euclides Figueiredo, prevista pela CVRD para 1986, a implantação do primeiro posto dos correios, convênio com a Telepará, instalou sistema de telefonia, doação da área para construção do quartel da polícia militar, a construção – com recursos estaduais - das escolas Eduardo Angelim e Carlos Drummond de Andrade, implantação do sistema de tratamento de água e a coleta de lixo urbano (com carroças) (LEITE, 2020, p. 55).

Apesar dos investimentos em infraestrutura, o rápido e desordenado crescimento populacional de Parauapebas gerou demandas que não foram supridas de forma satisfatória. Segundo Leite, a falta de serviços essenciais, como a ausência de uma delegacia, o abastecimento de água precário e a falta de um prédio adequado para a administração pública, intensificou o anseio da população por autonomia e

melhores condições de vida. Assim, cresceu o apelo pela emancipação política do povoado, que se concretizou por meio de um plebiscito e da Lei Estadual nº 5.443/88 de 10 de maio de 1988. Com a emancipação, Parauapebas se separou de Marabá, adquirindo o status de município e dando início à construção de sua própria identidade política e administrativa. Em 1989, ocorreu a primeira eleição para prefeito, na qual Faisal Salmen foi eleito o primeiro prefeito da cidade.

Como mencionado anteriormente, a economia de Parauapebas está fortemente atrelada à exportação de minério, principalmente o ferro. A fundação da cidade, em 27 de maio de 1988, ocorreu em meio ao "boom" da mineração na região, impulsionado pela implantação do Projeto Grande Carajás (PGC) na década de 1980. O PGC, um megaprojeto de exploração mineral liderado pela então estatal Companhia Vale do Rio Doce, visava a extração de minério de ferro na Serra dos Carajás e a sua exportação pelo Porto de Itaqui, no Maranhão. Esse projeto transformou a paisagem e a dinâmica social da região, atraindo milhares de trabalhadores de diferentes partes do país e impulsionando o crescimento populacional e econômico de Parauapebas. A exploração mineral se tornou a principal atividade econômica do município, gerando empregos, renda e arrecadação de impostos, mas também trazendo desafios como o crescimento acelerado e desordenado da população, bem como a falta de investimentos em sua demanda social.

De acordo com o Censo do IBGE de 2022, Parauapebas conta com uma população de 266.424 habitantes, ocupando a posição de 5º município mais populoso do estado do Pará. Apesar de ser um dos municípios mais ricos do estado, com um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 227.449,71 em 2021, Parauapebas ainda enfrenta desafios sociais, como a desigualdade na distribuição de renda e a pobreza. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Parauapebas, que leva em consideração indicadores de educação, longevidade e renda, era de 0,715 em 2010. No entanto, a renda per capita em 2010 era de R\$ 627,61, valor inferior à média estadual, e ainda existiam bolsões de pobreza e vulnerabilidade social.

Esses dados revelam a complexidade da realidade social de Parauapebas, onde uma economia aquecida pela mineração convive com desafios sociais que demandam atenção. A riqueza mineral do município é notável: entre 2017 e 2021, a arrecadação da compensação financeira pela exploração de recursos minerais (CFEM) totalizou 4.160,94 milhões de reais, com uma média anual de 832,19 milhões

de reais. No entanto, o índice de desenvolvimento humano municipal (IDH) de 0,715 em 2010, obtido a partir do censo do IBGE de 2022 e do atlas do desenvolvimento humano no Brasil, indica que ainda existem desafios a serem superados quando da sua fundação.

1.5 Antes do PGC: o povo Xikrin do Cateté

Segundo Leite (2020), a história de Parauapebas está intrinsecamente ligada aos Xikrin, povo indígena que já habitava a região antes do início da exploração mineral em larga escala. Os Xikrin do Cateté ocupam uma área na região de Carajás, no sudeste do Pará, entre os rios Tocantins e Xingu, em um território que se estende por cerca de 440 mil hectares, abrangendo parte dos municípios de Parauapebas, Marabá e São Domingos do Araguaia.

Os Xikrin do Cateté pertencem ao tronco macro-Jê e ao subgrupo Kayapó. Assim como os Kayapó, segundo Leite, eles se autodenominam Mebêngôkre (gente da nascente d'água), compartilhando com eles diversas características socioculturais, como a organização social em aldeias, a importância da liderança dos guerreiros e a valorização da pintura corporal e dos adornos.

A origem dos Xikrin do Cateté é abordada pelo Dr. em linguística Lucivaldo da Costa, que em suas pesquisas descreve a história e a trajetória desse povo. Reafirmando a ligação deles com os Kayapó, conforme citação abaixo:

É possível afirmar que na década de 1850 os Kayapó Setentrionais já estavam divididos em três grandes grupos, os Xikrin (Porekru, Kokorekre-Diore e Put-Karot), Irã-amkrãire (Gradaús ou Kayapó do Araguaia) e Gorotíre. Vidal (1977) esclarece que os Kayapó têm como grupo ancestral os Gorotikumrem, dos quais surgiram dois grandes grupos: Pore-kru e Gorotire. Devido a questões de disputas políticas e outros conflitos internos, o grupo Pore-kru se cindiu em dois, os Put-Karôt e os Kokorekre. Os Put-Karôt, mais tarde, se subdividem em Xikrin do Cateté e Xikrin do Pacajá. (DA COSTA, 2015, p. 20)

Segundo Leite (2020), após a definitiva separação entre os Xikrin, ocorrida no século XX, eles se dividiram em dois grupos: os Xikrin do Cateté e os Xikrin do Bacajá. Os primeiros permaneceram na bacia do Itacaiúnas, onde vivem atualmente na Terra Indígena Cateté, banhada pelos rios Itacaiúnas e Cateté, no município de Parauapebas. “Para os Xikrin, a audição e a palavra têm grande importância, e, para aguçar esses sentidos desde a infância, eles perfuram os lábios e as orelhas. Essa

prática está relacionada à sua cosmologia e à crença de que a perfuração permite o acesso ao conhecimento e à sabedoria” (LEITE, 2020, p. 60).

Embora os Xikrin do Cateté estejam historicamente ligados aos Kayapó e hoje convivam pacificamente com eles, inclusive com a possibilidade de intercâmbio entre as aldeias, eles se consideram um povo único, com identidade própria. Segundo Costa (2015, p. 18), essa distinção em relação aos Kayapó e aos Xikrin do Bacajá (estes últimos considerados como parentes) “fica evidente quando perguntamos se eles falam a mesma língua que os Kayapó. A resposta é imediata: “- Não! Falamos Xikrin e eles falam Kayapó!”.

Essa autoafirmação da identidade Xikrin do Cateté demonstra a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural dentro dos povos indígenas, mesmo entre aqueles que compartilham uma história e laços de parentesco.

Atualmente, segundo dados do site "Terras Indígenas do Brasil", a população dos Xikrin do Cateté é de 1.737 indivíduos, vivendo em uma área de 439 mil hectares, conforme o Censo do IBGE de 2022. Essa área, embora expressiva, representa uma pequena parcela do território que os Xikrin ocuparam no passado. Leite (2020) destaca que seus domínios se estendiam ao longo dos rios Tocantins e Araguaia, indo até o Xingu, o que demonstra a drástica redução de seu território. Para termos uma ideia, a área que ocupam hoje é menor que o Distrito Federal, que possui 5.760,78 km² (576.078 ha). Essa comparação evidencia a perda significativa de seu território ancestral e a importância da luta pela demarcação e proteção das terras indígenas.

Na pesquisa de Leite (2020), a autora traz informações importantes sobre como o convênio de assistência firmado com a Vale impactou o modo de vida dos Xikrin do Cateté, especialmente em relação aos seus hábitos de consumo e à gestão do dinheiro. Até 1998, os recursos provenientes do convênio não eram administrados diretamente pelos Xikrin, mas sim pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), por meio da Administração Regional de Marabá. Os gastos eram submetidos à análise do administrador regional, que, em conjunto com as lideranças indígenas, discutia a validade e a prioridade das solicitações de compras e serviços, autorizando-as ou não. A partir de 1999, em uma decisão conjunta entre a CVRD, o Instituto Socioambiental (ISA) e os Xikrin, houve uma mudança significativa na gestão dos recursos. Os proventos passaram a ser gerenciados pela Associação Bep-Noi, criada inicialmente para gerenciar os recursos do projeto de manejo florestal, mas que se encontrava

quase inativa. Essa mudança representou um passo importante para a autonomia dos Xikrin na gestão de seus próprios recursos e na tomada de decisões sobre seus gastos.

Mesmo estando em uma região que originalmente era parte de seu território tradicional, os Xikrin do Cateté, quando visitam a cidade de Parauapebas, são frequentemente alvo de olhares preconceituosos e estereótipos. No senso comum, persiste a ideia equivocada de que os indígenas "ganham dinheiro fácil" por meio de auxílios governamentais e exploração de recursos naturais, e que possuem bens materiais como celulares e carros sem esforço próprio. Essa visão simplista e distorcida ignora a complexa história de lutas e resistência dos Xikrin, que sofreram com a invasão e a perda de grande parte de seu território, além dos impactos socioculturais e ambientais causados pela implantação do Projeto Grande Carajás.

CAPÍTULO 2

2 SABERES HISTÓRICOS EM DIFERENTES ESPAÇOS DE MEMÓRIA: O MUSEU MUNICIPAL DE PARAUAPEBAS HILMAR HARRY KLUCK E O CENTRO MULHERES DE BARRO

2.1 O Museu Municipal de Parauapebas Hilmar Harry Kluck

Abordar o histórico do Museu Municipal de Parauapebas Hilmar Harry Kluck e do Centro Associação das Mulheres de Barro implica, necessariamente, compreender o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na região. O museu, conforme aponta o professor Avone José Rocha, originou-se da mobilização de docentes — sobretudo da área de História — e populares com o intuito de salvaguardar a memória dos achados arqueológicos decorrentes da implantação do Programa Grande Carajás (PGC). De modo análogo, o Centro Mulheres de Barro resultou de oficinas de Educação Patrimonial vinculadas a esses mesmos projetos de prospecção. Evidencia-se, portanto, a relação intrínseca entre as pesquisas arqueológicas e o PGC, bem como o esforço de socializar seus resultados junto à sociedade parauapebense por meio dessas instituições.

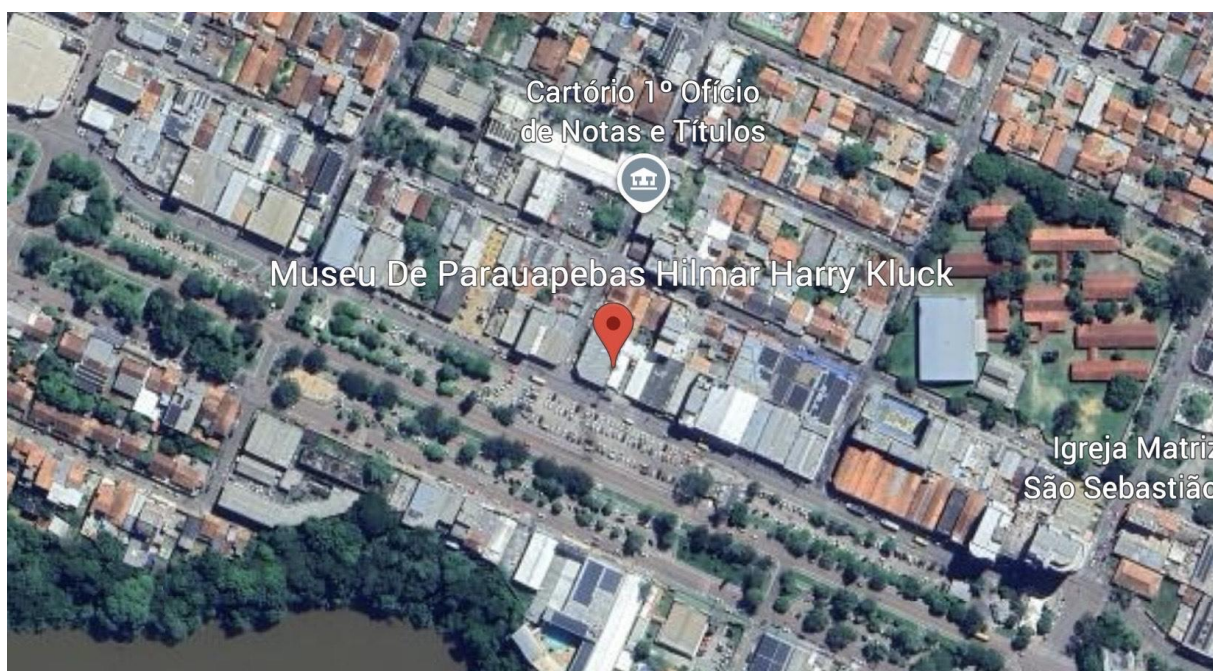
As pesquisas arqueológicas sistemáticas em Carajás começaram na década de 1980. Não por coincidência, foi no bojo da implantação do Projeto Ferro Carajás que a região despontou para a arqueologia brasileira. Consequentemente, a história das pesquisas arqueológicas em Carajás está diretamente relacionada à história da ocupação contemporânea dos atuais municípios de Parauapebas e de Canaã dos Carajás. (MAGALHÃES et al., 2018, p. 33).

Conforme a Constituição Federal de 1988, observada por Silva (2021), há uma ampliação das responsabilidades pela preservação do patrimônio ao atribuir ao poder público, com a colaboração da comunidade, a promoção e proteção dos bens culturais. Nesse contexto, o Museu de Parauapebas surge com o objetivo de democratizar o acesso da sociedade local aos vestígios da cultura material dos povos originários que habitaram a região. A instituição representa, portanto, a concretização do dever do poder municipal em implantar e manter espaços de memória.

Instituído, portanto, pela Lei Municipal nº 4.417, de dezembro de 2011, o Museu de Parauapebas encontra-se, segundo dados institucionais, em fase de implantação e elaboração de seu Plano Museológico. Atualmente, o órgão compartilha as instalações da antiga Câmara de Vereadores com a Escola de Música Waldemar Henrique. Nesse contexto, a instituição ainda enfrenta o desafio de consolidar seu espaço físico, pleiteando a utilização da antiga plenária para a montagem de sua exposição permanente.

O museu está localizado na Rua E, número, 520, bairro Cidade Nova, próximo ao Center Cidade Nova e em frente à Praça de Eventos, conforme imagem abaixo:

Figura 6 - localização Museu de Parauapebas



Fonte: Google Earth, 2024

Figura 7 - fachada do Museu de Parauapebas



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

O Museu recebe esse nome em homenagem a Hilmar Harry Kluck que nasceu em Bajé, Rio Grande do Sul, mas que ao mudar-se para o Pará em 1949, Kluck viveu muitos anos com indígenas Assurini, Parakanã, Gavião, Suruí, Kayapó e Arara, que habitavam as regiões dos rios Araguaia, Tocantins, Xingu e Tapajós, além de ter contribuído e auxiliado na extensa caminhada do povo Xikrin, da Casa de Passagem indígena em São Geraldo do Araguaia até Parauapebas, onde se fixaram na terra indígena Xikrin do Cateté até os dias atuais.

Embora tenha sido instituído legalmente em 2011, o museu só foi inaugurado em 2020. Atualmente, a instituição empenha-se em garantir um espaço adequado para a salvaguarda do material arqueológico proveniente da mineração na Serra dos Carajás, acervo que hoje se encontra sob a tutela do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Casa de Cultura de Marabá. Enquanto isso, sua exposição é composta majoritariamente por doações da comunidade, de associações e de grupos indígenas locais. O circuito expositivo apresenta três momentos distintos da ocupação humana em Parauapebas: os povos originários que habitaram a região há cerca de 11.000

anos (segundo dados arqueológicos), a presença dos Xikrin do Cateté e as transformações a partir da implantação do Projeto Grande Carajás (PGC).

As figuras a seguir ilustram os três momentos da ocupação humana no território correspondente ao atual município de Parauapebas e fazem parte da reserva técnica do Museu Hilmar Harry Kluck. A primeira imagem é uma peça de cerâmica coletada em contexto de achado fortuito às margens do rio Parauapebas e integrado ao acervo via doação. a peça evidencia a dispersão do potencial arqueológico do município para além do polígono de exploração mineral da Serra dos Carajás, historicamente foco das pesquisas de licenciamento ambiental. Material datado de 1000 AP.

Figura 8 - Peça de cerâmica coletada às margens do rio Parauapebas



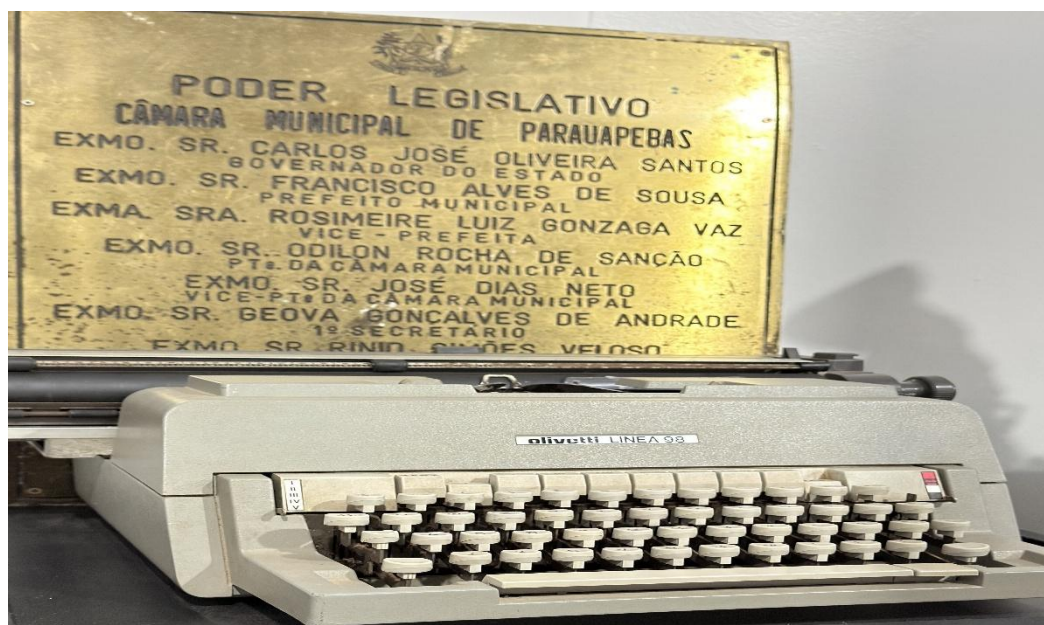
Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Figura 9 - Cocar usado em rituais religiosos por pajé. material doado pelos Xikrin do Cateté



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Figura 10 - Máquina de escrever da antiga



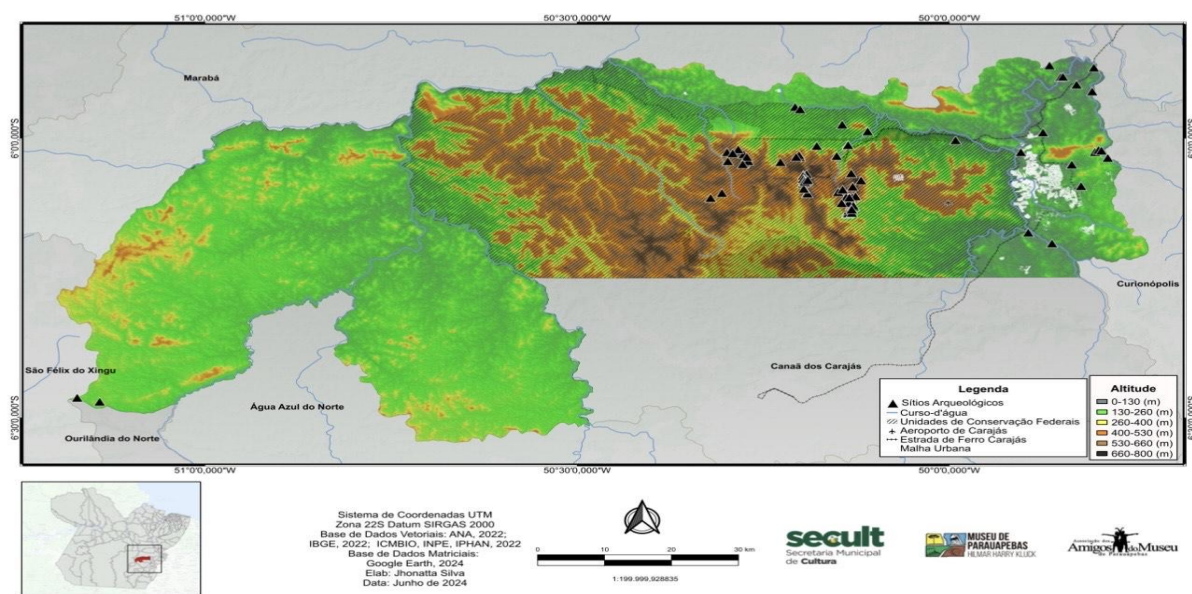
Fonte: Arquivo pessoal, 2025

A região do município de Parauapebas é rica em sítios arqueológicos (Imagem 13), e as pesquisas locais têm demonstrado a importância de Carajás para a

compreensão da ocupação humana na Amazônia. Exemplo disso são as descobertas realizadas na Gruta do Gavião, onde datações indicaram a presença de grupos caçadores-coletores por volta de 8.800 AP. Conforme enfatizam Magalhães et al.:

A importância desta descoberta para a arqueologia é que ela comprovou a antiguidade do Homem na região e permitiu o desenvolvimento de hipóteses comprováveis, algumas delas sugerindo que sociedades de caçadores-sociedades agricultoras posteriores. Os coletores poderiam estar na base da formação histórica de muitas dos resultados preliminares obtidos foram apresentados em congressos e publicações especializadas, assinalando uma nova fase para os estudos arqueológicos em Carajás e na Amazônia. (MAGALHÃES et al., 2018, p. 37).

Figura 11 - sítios arqueológicos do município de Parauapebas



Fonte: Arquivo virtual do Museu de Parauapebas, 2024

Em consulta aos dados do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/SGPA) do IPHAN, constata-se a existência de cerca de 127 sítios registrados referentes a Parauapebas. Ao analisar a gestão dos bens arqueológicos no território do Maracá (Mazagão-AP), Silva (2021) enfatizou a incoerência entre o discurso da política patrimonial vigente e a real situação da gestão desses bens. Pode-se afirmar que um cenário análogo ocorre em Parauapebas: embora a região tenha se mostrado fundamental para a compreensão da ocupação humana na Amazônia, esse conhecimento parece permanecer distante da população local.

O museu configura-se, portanto, como um importante aliado na preservação da memória dos povos originários que habitaram a região de Parauapebas, atuando por

meio de oficinas e palestras nas escolas. Contudo, sua relevância e legado parecem ser negligenciados pelo poder público. Isso se evidencia tanto pela ausência de um espaço físico adequado para as exposições quanto pela carência de contratação de profissionais qualificados, notadamente arqueólogos — uma lacuna técnica que persiste no funcionamento atual da instituição.

Embora o espaço atual do Museu de Parauapebas represente uma conquista significativa, observa-se que ainda há um longo caminho a percorrer para que o poder público reconheça plenamente sua relevância histórica. Tal reconhecimento é vital, pois, conforme aponta Silva (2018, p. 527), mediante 'uma abordagem integradora da cultura e do patrimônio, essa modalidade de museu tem potencial para criar conexões intra e extramuros, de maneira a viabilizar processos de gestão territorial e de desenvolvimento local sustentável', tornando-se um instrumento de conscientização socioambiental.

A interlocução entre a escola e o museu constitui um caminho fundamental, dinâmica que já vem sendo estabelecida entre as instituições de ensino locais e o Museu de Parauapebas. Nesse contexto, Ruckstadter e Marcolino enfatizam:

O museu pode possibilitar um ensino em conexão com o presente, com tudo que nos rodeia, pois permite um questionamento de como os homens se organizavam em diferentes aspectos, em diferentes sociedades e períodos. Quando se usa o questionamento como uma forma de trazer novos métodos para abordagens pedagógicas, os resultados são positivos, permitindo ao aluno uma forma variada de aprendizado, tanto para a sua formação crítica quanto para o seu uso em sala de aula (RUCKSTADTER e MARCOLINO, 2023, p. 13).

Desse modo, torna-se imprescindível um olhar atento do poder público voltado para a ampliação do Museu de Parauapebas. A instituição constitui um ambiente vital para as práticas pedagógicas das escolas locais e para a aprendizagem dos estudantes. Ademais, é fundamental investir na divulgação do museu, garantindo que a sociedade como um todo tenha conhecimento e acesso a esse patrimônio.

2.2 O Centro Mulheres de Barro

A Educação Patrimonial no ensino de História viabiliza a formação de indivíduos capazes de conhecer a sua própria história cultural. Ao trabalharmos questões referentes ao patrimônio no ambiente escolar, estamos oferecendo subsídios para a construção do conhecimento e da valorização e preservação desses bens culturais, sejam eles materiais, imateriais, naturais ou construídos (TEIXEIRA, 2008, p. 206).

Inaugurado em 12 de novembro de 2016, o Centro Mulheres de Barro de exposição e educação patrimonial é gerido pela cooperativa dos artesãos da região de Carajás. O projeto foi viabilizado pelo patrocínio da VALE e pelo governo federal através do ministério da cultura por meio da Lei Rouanet. O grupo gestor é formado essencialmente por mulheres ceramistas, arte-educadoras e gestoras culturais, mas também possui homens artesãos. O espaço físico divide-se entre galeria, loja, ateliê e uma área educativa.

Na galeria, os visitantes encontram exposições que abordam a riqueza arqueológica, os minerais e a cultura local de Parauapebas. Equipado para todas as etapas do processo cerâmico — do beneficiamento da argila à queima —, o ateliê é o espaço de criação onde as mãos ágeis das mestras ceramistas dão vida a peças únicas. Com a aplicação de pigmentos minerais de ferro, cobre e manganês, essa produção resgata a identidade cultural regional, inspirando-se diretamente nos artefatos deixados pelos povos que viveram aqui há 6 mil anos.

Figura 12 - Salão de visitas do Centro Mulheres de Barro



Fonte: Arquivo Centro Mulheres de Barro

Figura 13 - Espaço do ateliê onde são produzidas as cerâmicas



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

O espaço educativo é uma sala ampla, equipada com mobília e recursos audiovisuais. Sua organização é dinâmica e flexível, permitindo a realização de diversas atividades, como rodas de conversa, seminários, oficinas, apresentações teatrais, musicais, folclóricas, exposições e incentivo à leitura. Este ambiente é dedicado à promoção de várias linguagens artísticas e à educação patrimonial. Além disso, o centro faz parte da rota turística do município de Parauapebas visitando o espaço inclusive artistas nacionais. Ele está localizado na rua Araguaia, ao lado esquerdo do mercado municipal do Rio Verde conforme observamos no mapa abaixo.

Figura 14 - Localização Centro Mulheres de Barro



Fonte: Google Earth, 2025

Figura 15 - fachada do Centro Mulheres de Barro no Rio



Fonte: Acervo pessoal, 2025

2.2.1 História do Centro

O grupo mulheres de barro formou-se a partir de iniciativas vinculadas aos programas de prospecção e salvamento arqueológico realizados na área do Projeto Salobo (PA), entre 2005 e 2011. Por meio de oficinas de educação patrimonial, as integrantes conheceram a história local e tiveram acesso aos ensinamentos de técnicas cerâmicas. Essa capacitação permitiu que passassem a criar peças inspiradas diretamente na identidade ancestral da região.

Figura 16 - Algumas peças que servem como inspiração para a produção de cerâmica do Centro Mulheres de Barro



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Com o projeto “implantação do Centro Mulheres de Barro”, a cooperativa conquistou o incentivo da Lei Rouanet e o patrocínio da Vale para erguer sua tão sonhada sede. O local acabou tornou-se um centro vivo de cultura: é ali que o grupo trabalha, ensina em oficinas e vende suas obras. As peças apresentadas nesta exposição, inspiradas nos vestígios arqueológicos da Serra dos Carajás e da Floresta Nacional Tapirapé-Aquiri (Flonata), carregam a identidade visual das Mulheres de Barro.

Tais vestígios materializam-se em diversas formas, incluindo figuras antropomorfas, zoomorfas e grafismos. Eles são provenientes de populações que habitaram as margens do rio Itacaiúnas e seus afluentes há pelo menos 6 mil anos, região que foi objeto de pesquisa arqueológica pelo Museu Paraense Emílio Goeldi em convênio com a Vale.

Tanto o grupo quanto a marca Mulheres de Barro originaram-se nas oficinas de educação patrimonial vinculadas aos projetos de prospecção e salvamento arqueológico realizados na área do Projeto Salobo (PA), entre 2005 e 2011 e sua missão tem sido levar todo o conhecimento e técnica adquiridos para outras pessoas inclusive estudantes. Na figura abaixo é possível ver vasos de cerâmica com reprodução de grafismos que eram feitos pelos povos originários que passaram pela região há 6 mil anos atrás onde hoje é o Projeto de exploração mineral do Salobo (PA)

Figura 17 - Vasos de cerâmica com reprodução de grafismos



Fonte: Arquivo Mulheres de Barro, 2022

Vale ressaltar, que parte do grupo já possuía vivência artesanal com sementes e materiais diversos. O aprendizado da cerâmica, no entanto, representou um salto qualitativo, permitindo a transmutação da matéria pela queima. O objetivo transcendia a técnica: almejava-se resgatar referências ancestrais para criar uma identidade visual genuína para o artesanato da região. Essa trajetória de profissionalização consolidou-

se com a construção da sede do centro, obtida mediante incentivo como mencionado antes, da Lei Rouanet e patrocínio da Vale.

Assim, o Centro Mulheres de Barro inaugura um marco cultural no tempo presente e consolidam o centro como um espaço de aprendizado para além dos muros da escola. Nesse ambiente, a história de Parauapebas é vivenciada na prática, por meio de oficinas que reconectam os estudantes aos saberes e fazeres dos povos originários.

CAPÍTULO 3

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: A PRENDIZAGEM NO MUSEU MUNICIPAL HILMAR HARRY KLUCK E NO CENTRO MULHERES DE BARRO

3. 1 Ensino de História em espaços não escolares e a história local

A história local pode ser utilizada como uma estratégia didática para que os estudantes sintam-se conectados com o conhecimento histórico como afirmou Flávio Leonel da Silveira no livro sobre a arqueologia e educação patrimonial em Serra Leste (Curionópolis-PA), “as memórias e as coisas do lugar em que vivemos” assumem grande relevância para consideramos nossos sentimentos de pertencimento e identidade com o contexto em que estamos inseridos. Nesse sentido, iremos analisar como o Museu de Parauapebas e a Associação das Mulheres de Barro puderam contribuir para uma compreensão mais crítica da história local, se constituindo como importantes elementos para a construção de vínculos identitários e afetivos.

É possível que esses espaços atuem como “lugares da memória”, na acepção de Pierre Nora, em que o museu poderia ser o lugar onde a memória social pode ser aprendida pelos sentidos e encontraria concretude nos objetos expostos. Assim, aquelas instituições locais se afirmariam como espaços de construção de memória e identidades.

Dessa maneira, o ensino da história local, com foco nos povos originários de Parauapebas, teve o objetivo de conectar os estudantes com sua realidade, despertando o interesse pelo passado da região e promovendo um senso de pertencimento. Ao conhecerem a história ancestral do local onde vivem, os estudantes puderam compreender as raízes culturais da comunidade, as transformações ocorridas ao longo do tempo e a importância de preservar o patrimônio histórico e cultural.

Essa conexão com a história local não apenas enriquece o aprendizado, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com a sua comunidade. Como destacou Sukow e Urban, utilizando-se da reflexão de Edgardo Ossana sobre as vantagens da utilização da história local como estratégia de ensino.

Ossana elenca ainda as vantagens que a História Local, enquanto estratégia de ensino, pode trazer para o aprendizado histórico, dentre os quais destaca-se:

a) a possibilidade de inserção do estudante no seu mundo conhecido, localizando a si mesmo e ao seu ambiente próximo na História, b) a possibilidade de atitudes investigativas a partir das realidades cotidianas, atendendo aos anseios pessoais, c) o trabalho com escalas menores que contribui para uma melhor compreensão das rupturas e continuidades, d) o favorecimento das discussões acerca de histórias menos homogênicas e mais plurais, sem silenciar as especificidades. (SUKOW e URBAN, 2018, p. 2, 3).

Ao explorar espaços de aprendizagem diversos, como museus, reconhecemos que o conhecimento transcende os limites da escola. Schmidt (2005), em sua pesquisa sobre a formação da consciência histórica, ressalta a importância de considerar múltiplas fontes, como a família, a comunidade e a mídia, para compreender como os indivíduos constroem sua percepção do passado e do presente. A imersão em diferentes ambientes e o contato com variadas fontes de informação permitem aos alunos ampliar seu repertório cultural, desenvolver um senso crítico mais aguçado e se tornarem protagonistas do seu próprio aprendizado. Portanto, essa experiência enriquecedora contribui para a construção de uma compreensão mais profunda da história e da sociedade, preparando-os para uma participação mais ativa e consciente na vida em comunidade.

Assim sendo, a história local como estratégia de ensino deve ser investigar o conhecimento dos alunos sobre os povos originários que passaram pela região que compreende hoje de Parauapebas. A visita ao Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck e à Associação das Mulheres de Barro foi um dos pontos de partida para essa sondagem, visando aprofundar o conhecimento da história local para além da década de 80, período marcado pela exploração mineral.

Ao promover essa imersão na história ancestral, buscou-se fomentar um sentimento de pertencimento e identidade, fortalecendo os laços dos estudantes com sua comunidade e seu patrimônio cultural.

Evidencia-se, portanto, que a aprendizagem contextualizada e relevante para a realidade do estudante despertou interesse e curiosidade, ultrapassando os muros da escola e impactando positivamente o convívio familiar e social. A visita ao Centro Mulheres de Barro, por exemplo, incentivou os discentes a compartilharem suas

descobertas com os familiares. Esse processo foi reforçado pelas peças de barro produzidas pelos estudantes e levadas para casa, o que despertou o interesse coletivo pela rica história dos povos originários de Parauapebas, como veremos mais adiante.

Acredito que a aprendizagem contextualizada e relevante para a realidade do estudante, despertou o interesse e curiosidade, ultrapassando os muros da escola, impactando positivamente sua família e seu convívio social. A visita ao Centro Mulheres de Barro, por exemplo, pôde incentivar os estudantes a compartilhar suas descobertas com seus familiares, despertando o interesse de todos em conhecer mais sobre os povos originários de Parauapebas e sua rica história com as peças de barro que os estudantes produziram e levaram para suas casas.

3.2 Ensino de História, Arqueologia e Educação Patrimonial

O desafio central consistiu em conectar o Ensino de História à Arqueologia e à Educação Patrimonial. Ao longo da implantação do projeto de pesquisa, buscou-se mediar a compreensão desses conceitos junto aos estudantes. A escolha de uma turma de 6º ano mostrou-se adequada, uma vez que os conceitos abordados se alinham perfeitamente ao Plano de Ensino da Secretaria de Educação de Parauapebas (SEMED). Nesta etapa do conhecimento, o currículo preconiza o estudo da ocupação humana no Brasil, na Amazônia e na América, favorecendo a inserção dos temas propostos.

Conforme enfatiza Funari, a interdisciplinaridade entre História e Arqueologia é natural, uma vez que a Arqueologia surgiu no seio da História. Contudo, o autor ressalta que essa relação vai além: não se trata apenas de a Arqueologia utilizar a História como fonte de informações. Segundo ele:

As ciências não são apenas auxiliares uma das outras, elas mantêm relações entre si. Os dados materiais, analisados pela arqueologia, podem confirmar, como complementar e mesmo contradizer as informações das fontes históricas. Esses dois últimos aspectos são os mais importantes, pois permitem ao arqueólogo ir além daquilo que está nas fontes (FUNARI, 2010, p. 85-86).

No 6º ano do Ensino Fundamental (correspondente à faixa etária de 11 a 12 anos), as duas ciências (História e Arqueologia) não apenas coexistem, mas se complementam, exigindo uma abordagem metodológica que capitalize as

características cognitivas e desenvolvimentais dessa fase. Nessa transição para a adolescência, a necessidade de atividades dinâmicas e lúdicas, ricas em curiosidade, ainda é central para a retenção do conhecimento. Embora os estudantes estejam deixando a fase do pensamento concreto e desenvolvendo o pensamento formal, a mediação pedagógica por meio de jogos, simulações e recursos interativos é fundamental. Como enfatizou Vygotsky (1998, p. 126) “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de numa esfera visual de dependência de motivações e impulsos imediatos”.

Resta compreender como a Educação Patrimonial se alinha ao Ensino de História e à Arqueologia. Conforme mencionado, Funari aponta que estas são ciências complementares. Além disso, a literatura indica que, desde a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937, documentos já revelavam iniciativas que destacavam a importância das ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio cultural sob responsabilidade do órgão (Carvalho; Funari, 2009; Florêncio et al., 2014).

É importante notar que o termo Educação Patrimonial surgiu apenas na década de 1980, derivado da expressão inglesa Heritage Education (Horta et al., 1999; Schaan, 2007). Sua introdução no cenário brasileiro deu-se com o 1º Seminário sobre o 'Uso Educacional de Museus e Monumentos', realizado em 1983, em Petrópolis (Horta, 1991, 1995). A partir desse marco, compreendo a Educação Patrimonial não apenas como um conceito, mas como uma metodologia sistemática voltada para a apropriação social dos bens culturais (Horta, 1991, 2005; Horta et al., 1999).

Atualmente, a Instrução Normativa Iphan n.º 001/2015 estabelece os procedimentos administrativos a serem observados nos processos de licenciamento ambiental. A norma orienta a elaboração de estudos arqueológicos — como a prospecção — e prevê a inclusão de medidas de mitigação e compensação, contexto no qual a Educação Patrimonial se insere como um programa essencial. Foi a partir dessas diretrizes que surgiu o Centro Mulheres de Barro, decorrente dos vestígios arqueológicos identificados na área de mineração do Salobo, conforme já mencionado no histórico da instituição.

Desse modo, a conexão entre o Ensino de História, a Arqueologia e a Educação Patrimonial transcendem a teoria e se efetiva na prática. Ao visitarem o Centro Mulheres de Barro, os estudantes vivenciaram concretamente os frutos desse

processo educativo. O aprendizado tornou-se significativo quando puderam perceber que a própria existência da instituição é resultado direto de ações de mitigação e salvaguarda arqueológica. Assim, o espaço funciona como um laboratório vivo, onde o passado ancestral dialoga com a produção cultural contemporânea, fortalecendo a identidade local.

3.3 Prática Pedagógica I: o Museu Hilmar Harry Kluck

Com o objetivo de conhecer o acervo do Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck e a cultura material dos povos originários que habitaram a região, os estudantes realizaram uma visita técnica à instituição. A atividade permitiu que os discentes visualizassem e contextualizassem, na prática, os conteúdos teóricos abordados em sala de aula.

A maioria das escolas públicas da rede municipal tem no livro didático seu principal recurso de ensino, dada a sua disponibilidade. A realidade da EMTI Paulo Fonteles de Lima não foge à regra. Contudo, buscou-se transcender o aprendizado baseado apenas em conceitos e imagens estáticas. Essa ampliação de horizontes concretizou-se com a visita ao museu, onde os estudantes puderam observar, in loco, os achados arqueológicos fundamentais para a compreensão da ocupação humana na Amazônia.

Sobre a história do livro didático, Circe Bittencourt enfatiza:

O aval do governo significava vendas garantidas e o livro escolar foi se tornando o texto impresso preferencial de empresas que cuidavam de difundir-lo a nível nacional por intermédio de uma rede de livrarias, reforçando a ideologia oficial na divulgação de um ensino escolar uniforme e padronizado (BITTENCOURT, 1993, p. 341).

A ampla difusão do livro didático como principal recurso pedagógico não ocorre por acaso. Ela pode ser explicada pelo fato de este material estar historicamente atrelado às iniciativas governamentais de disseminação de uma ideologia oficial. Durante muito tempo, o livro didático serviu como um instrumento estratégico do Estado para forjar uma identidade nacional homogênea, selecionando quais memórias deveriam ser preservadas e quais deveriam ser esquecidas. Assim, ao chegar a todas

as escolas, muitas vezes como única fonte de leitura, ele acaba por legitimar uma narrativa histórica específica, alinhada aos interesses do poder vigente.

Com o intuito de ampliar e consolidar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, os estudantes realizaram uma visita técnica ao Museu. A atividade ocorreu sob a supervisão do professor de História, contando ainda com o suporte de duas assistentes pedagógicas para o acompanhamento da turma.

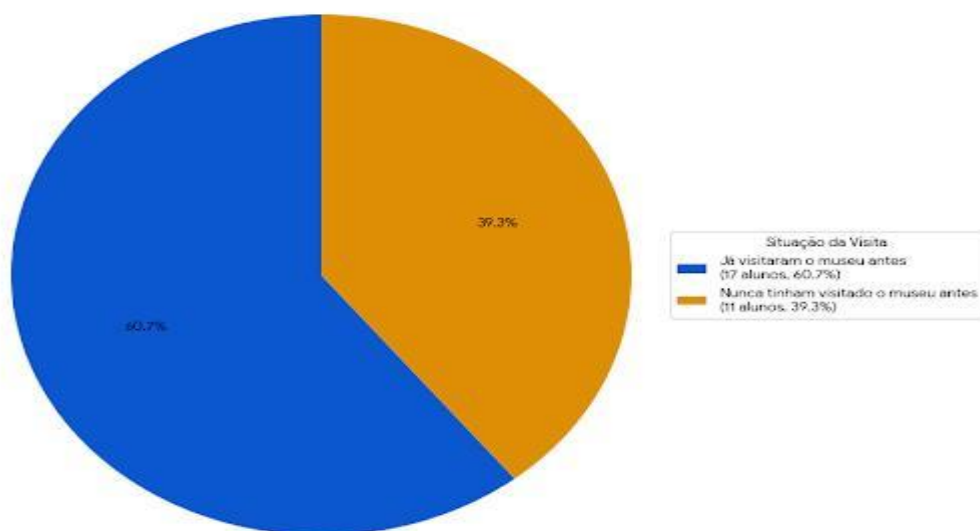
Dada a limitação física da reserva técnica do museu, a turma foi dividida em dois grupos. O primeiro dirigiu-se à reserva, onde um funcionário apresentou o acervo de artefatos arqueológicos. Simultaneamente, o segundo grupo encaminhou-se à sala de mídia para assistir a uma videoaula, produzida pela própria instituição, sobre os Xikrin do Cateté. Nessa atividade, os estudantes puderam conhecer aspectos culturais relevantes, como a narrativa mítica que explica a fixação desse povo em seu território atual. Logo em seguida os grupos se inverteram para que todos pudessem aproveitar o espaço.

Após a visita técnica, os estudantes responderam a um questionário investigativo. O instrumento teve como objetivo sondar a frequência prévia de visitas à instituição e identificar o perfil dos acompanhantes nessas ocasiões (familiares, amigos ou grupos escolares). Essa etapa metodológica é crucial para compreendermos o papel do museu no ambiente escolar e social, permitindo diagnosticar se o acesso a esse bem cultural ocorre de forma espontânea, como lazer familiar, ou se depende exclusivamente da mediação da escola.

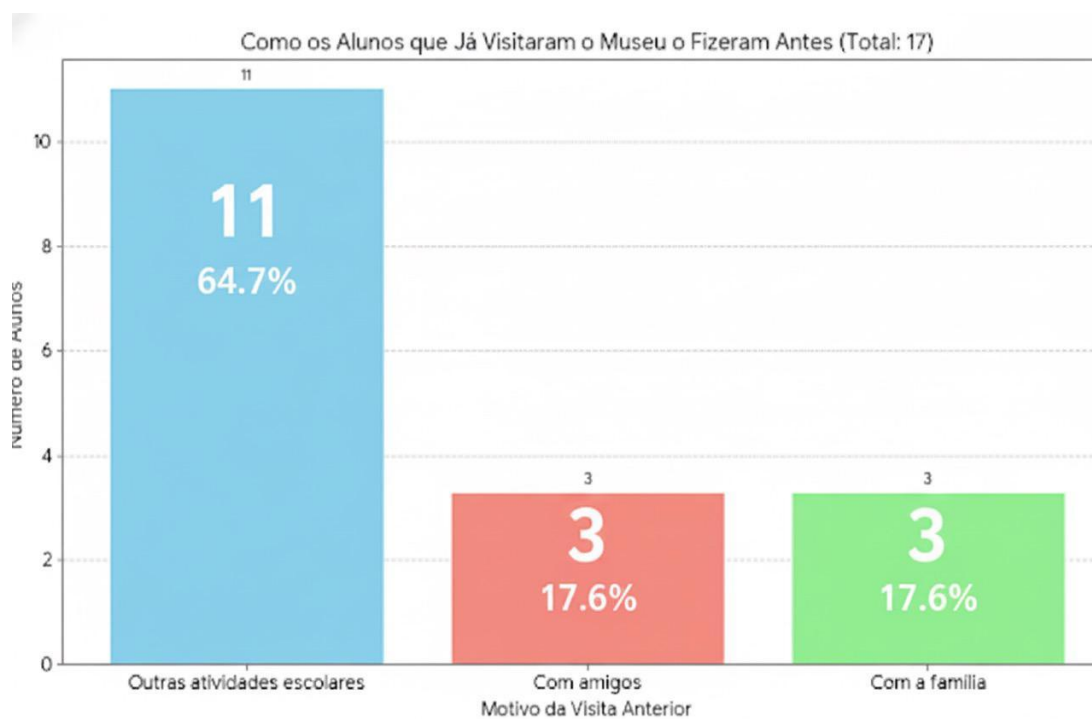
Conforme demonstra o gráfico abaixo, de um universo de 28 estudantes da turma do 6º ano 01, 17 afirmaram já ter frequentado o museu anteriormente, o que corresponde a 60,7% do total. Em contrapartida, 11 alunos (39,3%) relataram nunca ter visitado a instituição. Embora a maioria já tenha tido acesso, o dado revela que, para quase 40% da turma, a escola atuou como a porta de entrada para esse equipamento cultural, evidenciando a importância da visita técnica para a democratização do acesso ao patrimônio.

Gráfico 1 – Distribuição de alunos por histórico de visita ao museu

Distribuição de Alunos por Histórico de Visita ao Museu



Fonte: Gráfico do autor, 2025

Gráfico 2 – Como os alunos que visitaram o museu o fizeram antes

Fonte: gráfico do autor, 2025

Ao detalhar o perfil dos 17 estudantes que já conheciam o museu (imagem 21), observa-se que a instituição escolar se mantém como a principal mediadora desse acesso. Deste grupo, a expressiva maioria de 11 alunos (64,7%) realizou a visita exclusivamente através de atividades escolares anteriores. Em contraste, as visitas espontâneas mostram-se tímidas: apenas 3 alunos foram com amigos (17,6%) e outros 3 com a família (17,6%). Esses indicadores reforçam a hipótese de que, sem a intervenção da escola, o acesso desses jovens ao patrimônio local seria drasticamente reduzido, uma vez que o hábito de visitar museus como lazer familiar ainda é pouco frequente.

Figura 18 - Questionário de visita ao museu de Parauapebas

QUESTIONÁRIO DE VISITA AO MUSEU DE PARAUAPEBAS HILMAR HARRY KLUCK – EMTI PAULO FONTELLES DE LIMA

Aluno(a): Liana Bentuz Turma: 6º01

1. Esta foi a primeira vez que você visitou o Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck?
☐ Sim
☒ Não (Se não, prossiga para a pergunta 2)

2. Se você já visitou o museu antes?
☒ Com a família
☐ Com amigos
☐ Outra atividade escolar
☐ Outro (especifique): _____

3. Qual impressão geral você teve do museu? O que mais te chamou a atenção logo que você entrou?
As flechas ou Armas de guerra.

4. Durante a visita, você aprendeu algo novo sobre os povos originários que viviam ou ainda vivem na região de Parauapebas? Se sim, o que foi?
Sim, os índios ou sobre as peças cerâmicas.

5. Havia algum objeto específico no museu que você achou mais interessante ou que o fez refletir sobre a história de Parauapebas? Qual e por quê?
As máscaras das macacas.

6. De que forma a visita ao museu ajudou você a entender melhor a história da sua cidade e da região? Dê um exemplo.
Eu aprendi sobre as histórias das peças cerâmicas.

7. Se você pudesse descrever a importância do Museu Hilmar Harry Kluck para a cidade de Parauapebas em uma frase, qual seria?
A história de Parauapebas.

8. Qual foi a parte da visita que você mais gostou e por quê?
O teste, 1

9. Se você tivesse a oportunidade de voltar ao museu fora do horário escolar, quem você gostaria de levar para conhecer? Por que você levaria essa pessoa?
Minha família pois eles não sabem a cultura de Parauapebas.

Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Além de mapear o perfil de visitação, o formulário desempenhou um papel crucial na avaliação qualitativa da aprendizagem. O instrumento permitiu constatar que os discentes compreenderam a visita ao museu como uma experiência produtiva, reconhecendo o espaço como um local de construção de conhecimento complementar à escola. Essa percepção fica evidente no relato de uma discente, que registrou: 'lá eu aprendi sobre os povos originários'. Mais do que isso, a aluna demonstrou tornar-se uma agente multiplicadora desse saber ao manifestar o desejo de levar sua família para conhecer o museu e, assim, aprenderem juntos 'sobre a cultura de Parauapebas'. Tal postura dialoga com o pensamento de Circe Bittencourt, quando enfatiza:

É comum encontrarmos crianças e jovens em museus, acompanhados de professores, percorrendo as salas onde estão expostos variados objetos em vitrinas com iluminação atrativa. Uma atividade educativa dessa natureza é sempre bem-vinda, mas para quem dela participa sempre fica a indagação sobre o que efetivamente se aprende nessas visitas, que demandam preparação e envolvimento dos docentes e da comunidade escolar (Bittencourt, 2008, p. 353).

Ou seja, a aplicação do formulário constituiu uma estratégia pedagógica fundamental para a sistematização do aprendizado. O instrumento permitiu que os discentes organizassem e assimilassem as informações absorvidas, garantindo que a atividade não se reduzisse a um mero passeio turístico desprovido de intencionalidade educativa. Ao transpor a vivência para o registro escrito, os estudantes foram estimulados a refletir criticamente sobre o acervo, consolidando o museu como um espaço efetivo de construção de conhecimento histórico.

Especialistas da área destacam a importância de esclarecer os alunos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental, nessa iniciativa, mostrar que tipos de objetos são ali preservados e expostos, a fim de oferecer uma compreensão do que seja "uma peça de museu". As explicações iniciam-se pela trajetória do objeto do lugar onde foi encontrado ou adquirido até como chegou ao museu, tornando-se, então, "peça de museu". Essa atividade, advertem os especialistas, deve ser realizada obrigatoriamente ou no início ou no final do trabalho com os alunos (Bittencourt, 2008, p. 356-357).

Ressalta-se, portanto, que a visita técnica não ocorreu de forma aleatória, mas foi estruturada com clara intencionalidade pedagógica. Antes da saída a campo, houve um intenso trabalho de preparação em sala de aula, onde os discentes

estudaram o conceito de museu, sua função social e o contexto dos povos originários que seriam abordados. Essa contextualização prévia foi determinante para qualificar o olhar dos estudantes: ao chegarem à instituição, eles já possuíam referências teóricas, o que transformou o passeio em uma verdadeira expedição investigativa, garantindo a efetividade do processo de ensino-aprendizagem.

3.4 Prática Pedagógica I: O Centro Mulheres de Barro

A De maneira análoga à atividade no museu, a visita ao Centro Mulheres de Barro foi conduzida com rigorosa intencionalidade pedagógica, afastando-se de qualquer aleatoriedade. O objetivo central foi propiciar aos estudantes o aprendizado sobre os povos originários de Parauapebas por meio de sua cultura material. Contudo, nesta etapa, o conhecimento ganhou uma nova dimensão: os alunos puderam observar como os vestígios arqueológicos são, hoje, resgatados e reinterpretados artisticamente. A produção cerâmica do Centro atua, portanto, como um veículo de salvaguarda, transformando o passado arqueológico em identidade cultural contemporânea.

Seguindo a mesma logística da atividade anterior, o deslocamento até o Centro Mulheres de Barro foi realizado por meio de transporte escolar, sob a supervisão do professor de História e de um assistente pedagógico. Ao chegarem à sede da associação, os discentes foram acolhidos por uma das artesãs locais. Assumindo o papel de mediadora cultural, ela organizou o grupo no ambiente e iniciou uma roda de conversa para contextualizar a história da instituição, explicando sua origem vinculada à arqueologia e sua relevância social para a comunidade.

Na sequência, os estudantes percorreram o circuito expositivo do salão, sob a mediação da artesã e o acompanhamento do professor. A visita guiada abordou quatro eixos fundamentais: 1) A gênese da instituição, detalhando como o Centro surgiu a partir das ações de Educação Patrimonial vinculadas ao licenciamento do Projeto Salobo (Vale); 2) A arqueologia como fonte de inspiração, demonstrando como a iconografia e as formas das cerâmicas encontradas nas prospecções são reinterpretadas na produção atual para forjar uma identidade local singular; 3) A educação geológica, contextualizando a presença dos minérios de Carajás nos

objetos do cotidiano; e 4) A diversidade cultural, representada pela história e costumes do povo Xikrin do Cateté.

Figura 19 - Um dos itens da exposição que mais chamou a atenção dos estudantes por conta da datação de 6000 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Concluída a etapa no salão expositivo, os estudantes foram conduzidos ao ateliê de produção. Foi nesse ambiente que se observou o maior nível de engajamento da turma, fascinada pela oportunidade de acompanhar, in loco, o processo de manufatura da cerâmica. A experiência transcendeu a simples observação: sob a tutoria de um artesão local, alguns discentes puderam vivenciar o 'saber-fazer' na prática, manipulando a argila e compreendendo a complexidade técnica por trás das peças que, minutos antes, haviam visto nas vitrines.

Figura 20 - estudante aprende a produzir uma peça de cerâmica



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025

Figura 21 - peça de cerâmica produzida por um estudante na oficina do Centro Mulheres de Barro



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025

Após a etapa observacional no ateliê, os estudantes foram conduzidos ao pavimento superior para a vivência prática. Nesse espaço, tiveram a oportunidade do contato tátil direto com a argila, experimentando as técnicas milenares de modelagem utilizadas pelos povos originários da região. Foi notável o engajamento, a curiosidade

e a concentração do grupo durante a confecção de suas próprias peças. Ao final, o fato de poderem levar para casa os objetos produzidos serviu como um símbolo de apropriação desse saber ancestral, materializando a memória da visita.

Figura 22 - Estudante aprende prática milenar de criação de peças de cerâmica



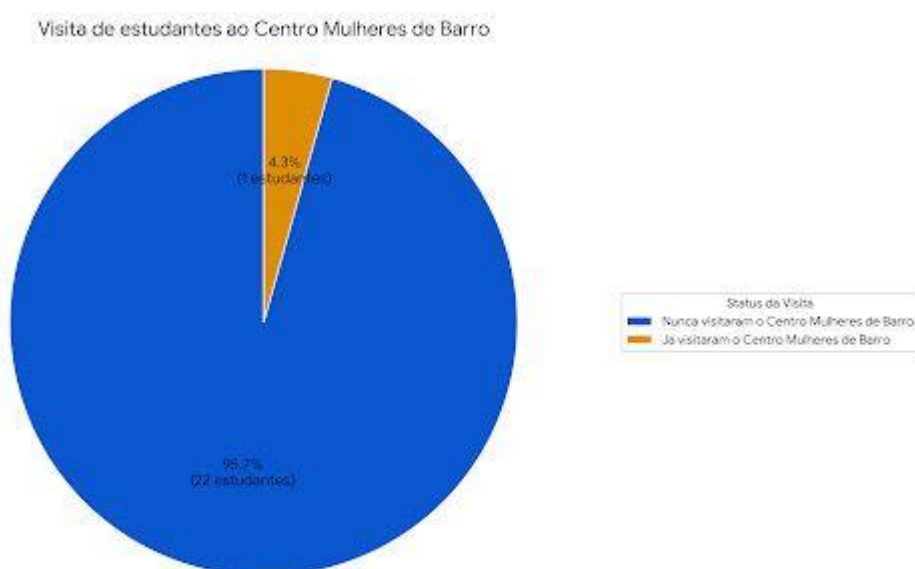
Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025

A demonstração das técnicas de manufatura cerâmica, inspirada nos saberes dos povos originários, capturou a atenção dos estudantes. Atentos às explicações, os discentes compreenderam como as artesãs do Centro se apropriam da iconografia arqueológica — os grafismos ancestrais — para conferir uma identidade singular à produção local. Durante a atividade, as mediadoras enfatizaram uma escolha estética e política consciente: ao abdicarem de motivos genéricos, como flores ou paisagens

comuns, e optarem pelos traços dos povos que habitaram a região, elas transformam o barro em um veículo de resgate histórico e afirmação cultural.

Seguindo o mesmo rigor metodológico aplicado na visita ao museu, a atividade no Centro Mulheres de barro foi cuidadosamente planejada para monitorar a interação dos discentes com o ambiente. Um dos focos centrais da investigação foi diagnosticar o nível de familiaridade da turma com a instituição, verificando o conhecimento prévio dos alunos sobre o local. Para sistematizar e interpretar esses dados de forma quantitativa, elaborou-se o gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Visita de estudantes ao centro Mulheres de Barro1



Fonte: Gráfico produzido pelo autor, 2025

A análise dos dados revela um cenário de desconhecimento ainda mais acentuado em relação ao Centro Mulheres de Barro. De um total de 23 estudantes respondentes, 22 alunos afirmaram não conhecer a instituição, enquanto apenas 1 estudante relatou já ter visitado o espaço anteriormente. Essa disparidade evidencia a importância crucial da relação entre a escola e os espaços de educação não formal. Sem a mediação escolar, esse patrimônio local permaneceria invisível para a grande maioria desses jovens, demonstrando que a escola atua como a principal ponte para a democratização do acesso à cultura na região.

O conceito mais abrangente de patrimônio cultural abre perspectivas de adoção de políticas de preservação patrimonial. O compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial para as atuais e futuras gerações, centrada no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos "notáveis", de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer para a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional (BITTENCOURT, 2008, p. 278).

Desse modo, nota-se que tanto o Centro Mulheres de Barro quanto o Museu Municipal desempenham funções vitais e complementares na salvaguarda do patrimônio cultural de Parauapebas. A parceria estabelecida com a instituição de ensino revela-se estratégica e indispensável. Os dados analisados evidenciam que a escola atua como o principal vetor de democratização do acesso, sendo, para a maioria desses estudantes, a única ponte capaz de conectá-los à sua própria herança cultural e garantir o seu direito à memória. o Centro Mulheres de Barro assim como o museu eles tem uma função de preservar o patrimônio cultural da região e essa parceria com escola observa-se que é bastante positiva pois evidencia que a escola tem sido o principal meio de acesso dos estudantes a cultura local e ao patrimônio da região.

CAPÍTULO 4

4 O PRODUTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

4.1 A escolha do produto

A opção pela cartilha ilustrada como produto didático-pedagógico justifica-se pela necessidade de uma transposição didática que torne o saber arqueológico acessível e atraente. O objetivo é aprofundar o conhecimento histórico dos discentes sobre os povos originários de Parauapebas, promovendo a valorização do inestimável legado cultural e material presente nos sítios arqueológicos da região, além de estimular o senso de pertencimento e a preservação patrimonial.

Considerando que os estudantes do 6º ano se encontram em uma fase de transição para o pensamento abstrato, mas ainda dependem fortemente de referências concretas e visuais ('ver e tocar'), a elaboração deste material ilustrativo tornou-se indispensável. A cartilha atua como um suporte tangível para que os alunos assimilem a complexidade dos vestígios arqueológicos dos povos originários. Além disso, o material conecta essa herança ancestral à realidade atual, evidenciando o papel vital do Museu e do Centro Mulheres de Barro como difusores da memória e da identidade cultural de Parauapebas.

Desse modo identificar como o estudante aprende com as e suas representações e o papel dessas imagens na relação de adquirir conhecimento. O uso visual deste material não é meramente ilustrativo, mas se propõe a um objetivo principal que é os discentes conhecerem um pouco da história a partir dos vestígios materiais dos povos originários que passaram pela região de Parauapebas.

Os aspectos relevantes que pesquisadores têm destacado concentram-se na forma de recepção da imagem e nas possibilidades didáticas para a renovação dos métodos de ensino das diversas disciplinas escolares. Para a História escolar existem algumas investigações voltadas essencialmente para a análise de imagens tecnológicas e para o papel que desempenham na criação de nova relação com o conhecimento histórico e o imaginário coletivo. A intenção maior é identificar como o aluno apreende as imagens e suas representações. As imagens tecnológicas são o real ou representações do real? (BITTENCOURT, 2008, p. 365).

Dessa forma, busca-se identificar como o estudante constrói seu aprendizado por meio da leitura de imagens e suas representações simbólicas. O uso de recursos visuais neste material transcende o caráter meramente ilustrativo; ele cumpre uma função pedagógica central: atuar como documento histórico. O objetivo é permitir que os discentes decodifiquem a história local, analisando os vestígios materiais deixados pelos povos originários que habitaram a região de Parauapebas, transformando a observação em conhecimento crítico.

A cartilha ilustrativa atua em duas frentes: no presente, contextualiza a trajetória e a importância do Museu Hilmar Harry Kluck e do Centro Mulheres de Barro; no passado, transporta o aluno para 11 000 anos atrás através da criação de personagens representativos. Ao dar 'rosto' e 'vida' aos antigos habitantes da região, o material retrata dinamicamente o cotidiano desses povos, suas tecnologias e, principalmente, sua relação intrínseca e harmoniosa com o meio ambiente amazônico.

A elaboração da cartilha seguiu um planejamento sistemático e intencional. A primeira etapa consistiu na definição de um roteiro visual, estabelecendo a paleta de cores, o estilo dos traços dos personagens e a ambientação. Um aspecto crucial foi a representação fiel da geografia local — especificamente o relevo serrano da Serra dos Carajás e sua vegetação de canga — para garantir que os alunos reconhecessem seu próprio território nas imagens. Paralelamente, realizou-se uma rigorosa pesquisa iconográfica para coletar referências visuais, assegurando que as ilustrações dos artefatos refletissem com precisão científica a cultura material e a tecnologia dos povos originários da região.

A estratégia de ensino-aprendizagem sobre os povos originários de Parauapebas e seus artefatos arqueológicos não se limitou à teoria, mas materializou-se na prática através das visitas técnicas ao Museu e ao Centro Mulheres de Barro. Essa vivência *in loco* foi fundamental para o contato direto com a cultura material. Nesse contexto, a cartilha ilustrativa atuou como um instrumento de sistematização, complementando a experiência ao evidenciar, de forma didática, as conexões históricas e culturais entre o acervo museológico observado e a produção artística contemporânea da região.

Portanto, a prática docente cotidiana e a observação atenta em sala de aula foram fundamentais para a concepção deste projeto. Foi a partir desse diagnóstico pedagógico que surgiu a iniciativa de elaborar um material didático personalizado. A

cartilha não foi criada aleatoriamente, mas desenvolvida com intencionalidade, centrada nas necessidades específicas desses estudantes e adequada aos seus processos cognitivos, garantindo que a transposição do conteúdo histórico fosse acessível e estimulante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes do 6º ano encontram-se em uma fase de transição cognitiva, na qual a aprendizagem é potencializada por atividades dinâmicas, táteis e visuais. Compreender conceitos históricos de um passado remoto, temporal e espacialmente distante de sua realidade cotidiana, pode ser uma tarefa árdua se limitada à exposição oral. No entanto, é possível superar essa barreira através de metodologias ativas e recursos didáticos atraentes. Ao transformar o conteúdo abstrato em experiências concretas, despertamos o interesse genuíno dos discentes e facilitamos a assimilação do saber histórico.

Uma dessas alternativas eficazes é a integração de espaços de educação não formal, como os museus, ao cotidiano escolar. Essa estratégia visa romper os muros da escola, permitindo que os estudantes transcendam a teoria. O objetivo é que eles consigam estabelecer uma associação direta e significativa entre o conteúdo curricular desenvolvido em sala e a cultura material preservada e exposta nessas instituições.

No contexto específico de Parauapebas, impõe-se o desafio: como atribuir significado real ao conteúdo de sala de aula para estudantes do 6º ano? A resposta reside na contextualização territorial. A integração entre as aulas teóricas e as vivências práticas no Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck e no Centro Mulheres de Barro demonstrou-se uma estratégia promissora. Essas instituições funcionam como laboratórios vivos, onde o aluno deixa de ser um espectador passivo da história para se reconhecer como herdeiro do patrimônio cultural da região.

Como resultado da pesquisa, constatou-se que a escola desempenha um papel social determinante no incentivo à visitação desses locais. A instituição escolar atua não apenas como organizadora das visitas, mas como catalisadora da difusão cultural. Ao levar os estudantes ao Museu e ao Centro Mulheres de Barro, a escola transforma os alunos em agentes multiplicadores: eles levam a experiência para casa e acabam divulgando a importância desses espaços para suas famílias e para a comunidade, ampliando o alcance da preservação patrimonial.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Mauro Vianna. **Abordando o passado: uma introdução à arqueologia**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Conceitos básicos: Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

BEZERRA, M; SCHAAN, D. P.; CAROMANO, C. F. (orgs.). **Arqueologia e Educação Patrimonial em Serra Leste**, Curionópolis, Pará. Belém: GK Noronha, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BRAICK, Patrícia Ramos: **Estudar história: das origens do homem à era digital**. 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2015. Brasil.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): **A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo in: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **História: Ensino Fundamental, coleção Explorando o Ensino**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Tempo, v. 11, n. 21, p.17-32, 2006. CHILDE, Gordon.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História in: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **História: Ensino Fundamental, coleção Explorando o Ensino**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. 4

COSTA, Lucivaldo Silva da. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. Brasília, DF, 2015.

FARIAS JÚNIOR, José Petrúcio de, et al. (Org.). **História, Arqueologia e Educação Museal: patrimônio e memórias**. Teresina-PI: EDUFPI, 202.

FUNARI, Pedro Paulo & NOELLI, Francisco Silva. **Pré-história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. 3. ed. 2. reimpr. São Paulo: Ática, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo. **Como se tornar arqueólogo no Brasil**. Revista USP, 44, 74-85, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GEVEHR, Daniel Luciano, DILLY Gabriela. **A educação patrimonial no contexto regional: reflexões sobre o patrimônio na perspectiva contemporânea**. Revista de História e Geografia Ágora, Santa Cruz do Sul, v.17, n. 02, jul./dez. 2015. p. 10-23.

GEVEHR, Daniel Luciano. **A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, Out/Dez. 2016. p. 945 – 962.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Educação patrimonial. In: **Comunicação apresentada na Conferencia Latino Americana sobre a preservação do Patrimônio Cultural**. 1991.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2005, 31.

HORTA, Maria de Lourdes Pereira, et. al. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/parauapebas.html>. Acesso em: 11 ago. 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Terra Indígena Xikrin do Cateté. **Terras Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3646>. Acesso em: 10 ago. 2026.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITE, Mayara Alves. Dissertação: **Aprendizagem histórica e história local: uma experiência com alunos do 8º ano sobre o ensino da história de Parauapebas-PA**. Araguaína, TO, 2020.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. **A humanidade e a Amazônia : 11 mil anos de evolução histórica em Carajás**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018.

MAGALHÃES, MARCOS PEREIRA. **A physis da origem: o sentido da história na Amazônia**. Editora: museu paraense Emílio Goeldi, 2005.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (org.) **O ensino de história e criação do fato**, volume 14, 3ª edição, São Paulo: Contexto, 2017.

MIRANDA, S. R. **Aprender e ensinar o tempo histórico em tempos de incertezas: reflexões e desafios para o professor de história**. In: GONÇALVES et al. (orgs). Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007, p. 28.

NADAI, Elza. **O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993

PEREIRA, Charles Benedito Gemaque, Tania Cristina Brunele. **A urbanização no entorno dos Grandes Projetos da Amazônia: As áreas de risco em Parauapebas (PA)**. IV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade – ANPPAS. Brasília – DF, 04, 05 e 06 de Junho de 2008.

PEREIRA, Edithe. **A Arte Rupestre na Amazônia – Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003.

PROSAP. **Programa de Saneamento Ambiental, Macrodrenagem e Recuperação de Igarapés e Margens do Rio Parauapebas**. Disponível em: <https://prosap.parauapebas.pa.gov.br/74593-10012-02192-028039-64012-589723-3-95090000033226/>. Acesso em: 11 ago. 2026.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília, DF: UnB, 1991.

ROCHA, Avone José Araújo. **À margem do Projeto Ferro Carajás: Uma pequena contribuição à história social e cultural de Parauapebas (1980-2004)**. Goiânia: Kelps, 2018.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano; MARCOLINO, Gabrieli de Assis. **O museu como possibilidade no ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma revisão integrativa de literatura**. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 25, p. 1-26, 2023.

SCHAAN, Denise Pahl. **Marajó: arqueologia, iconografia, história e patrimônio: textos selecionados**. Habilis Editora, 2009.

SCHAAN, Denise Pahl. **Múltiplas vozes, memórias e histórias: Por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico na Amazônia. Patrimônio Arqueológico: O desafio da preservação.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 33, p. 109-136, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula: entre o embate, o dilaceramento e o fazer histórico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SUKOW, Nikita Mary; URBAN, Ana Cláudia. HISTÓRIA LOCAL E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.. In: Anais do XVII Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica - **Teoria, Pesquisa e Prática.** Anais...Foz do Iguaçu(PR) UNILA, 2017.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A Educação Patrimonial no Ensino de História.** Biblos, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 199-211, jan./jun. 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE VISITA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERITÁRIO DE ANANINDEUA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

ROTEIRO – VISITA AO ESPAÇO DA ASSOCIAÇÃO MULHERES DE BARRO

- O que você sabe sobre a história de Parauapebas?
- Você conhece a história dos povos originários de Parauapebas?
- Você conhece o museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck?
- Caso já tenha visitado o museu, com quem você foi?

1. Na escola (data: ____/____/____ horário: ____)

- Explicar o que é a associação das mulheres de barro e a sua importância para a história do município de Parauapebas.
- Explicar as regras de comportamento durante a visita (respeito ao local e às artesãs, cuidado com as peças, etc.).
- Explicar a importância do artesanato para a preservação da cultura local e geração de renda para as mulheres.
- Destacar a conexão entre a cerâmica produzida na Casa e os vestígios arqueológicos encontrados na Serra dos Carajás.

2. Chegada e Recepção (data: ____/____/____ horário: ____)

- Começar a visita com uma recepção calorosa na Casa das Mulheres de Barro e reforçar as regras de comportamento.
- Apresentar as artesãs e permitir que elas falem brevemente sobre a história da associação e a importância do artesanato para a comunidade.

3. Demonstração Prática (as artesãs que farão parte dessa etapa)

- As artesãs farão a apresentação do espaço e das etapas de produção da cerâmica.
- As artesãs explicarão cada etapa do processo: coleta da argila, modelagem, secagem, queima e pintura.
- Mostrar as ferramentas utilizadas e os diferentes tipos de argila e pigmentos.
- Espaço para os alunos fazerem perguntas.

4. Visita à Loja e Encerramento (12h30-13h):

- Reservar um tempo para que os alunos conheçam a loja e, se desejarem, adquiram peças de cerâmica como lembrança.
- Reunir a turma para agradecer a visita e destacar a importância de valorizar o trabalho artesanal e a cultura local.
- Incentivar os alunos a pesquisarem mais sobre a história da cerâmica e o papel das mulheres da associação para o município de Parauapebas.

5. Oficina de Cerâmica

- Organizar uma oficina de cerâmica ministrada pelas artesãs, onde os alunos terão a oportunidade de criar suas próprias peças.
- Orientar os alunos durante a atividade, incentivando a criatividade e a experimentação.
- Os alunos poderão levar suas criações para casa após a secagem.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE VISITA**QUESTIONÁRIO DE VISITA AO MUSEU DE PARAUAPEBAS HILMAR HARRY KLUCK – EMTI PAULO FONTELLES DE LIMA**

Aluno(a): _____ Turma: _____

1. Esta foi a primeira vez que você visitou o Museu de Parauapebas Hilmar Harry Kluck?

() Sim

() Não (Se não, prossiga para a pergunta 2)

2. Se você já visitou o museu antes?

() Com a família

() Com amigos

() Outra atividade escolar

() Outro (especifique): _____

3. Qual impressão geral você teve do museu? O que mais te chamou a atenção logo que você entrou?

4. Durante a visita, você aprendeu algo novo sobre os povos originários que viviam ou ainda vivem na região de Parauapebas? Se sim, o que foi?

5. Havia algum objeto específico no museu que você achou mais interessante ou que o fez refletir sobre a história de Parauapebas? Qual e por quê?

6. De que forma a visita ao museu ajudou você a entender melhor a história da sua cidade e da região? Dê um exemplo.

7. Se você pudesse descrever a importância do Museu Hilmar Harry Kluck para a cidade de Parauapebas em uma frase, qual seria?

8. Qual foi a parte da visita que você mais gostou e por quê?

9. Se você tivesse a oportunidade de voltar ao museu fora do horário escolar, quem você gostaria de levar para conhecer? Por que você levaria essa pessoa?

APÊNDICE C – PRODUTO EDUCACIONAL

O SEGREDO DA SERRA

O mistério de 11 mil anos

Parauapebas – PA



Fabiano da Silva Ramos



APRESENTAÇÃO

O PRESENTE TRABALHO, SOB O TÍTULO **O SEGREDO DA SERRA: O MISTÉRIO DE 11 MIL ANOS**, FOI APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA) DA **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**.

ORIENTADOR(A): PROF. DR. RAIMUNDO ERUNDINO SANTOS DINIZ

O SEGREDO DA SERRA

O mistério de 11 mil anos

PREPARE-SE PARA UMA AVENTURA NO TEMPO, GUIADA POR IGUARÉ, PIRÃ E JAROPI QUE VAI MUITO ALÉM DA MINERAÇÃO. ESTE LIVRO MERGULHA NAS RAÍZES PROFUNDAS DA REGIÃO DE CARAJÁS PARA DESVENDAR UM SEGREDO DE MAIS DE 11 MIL ANOS! DESCUBRA COMO VIVIAM OS PRIMEIROS HABITANTES DA SERRA, DESDE OS GRUPOS DE CAÇADORES-COLETORES QUE DEIXARAM MARCAS DE ARTE RUPESTRE EM CAVERNAS ATÉ A PRESENÇA MILENAR DE POVOS INDÍGENAS, COMO OS XIKRIN DO CATETÉ. ACOMPANHE NOSSOS AMIGOS EM UMA JORNADA MÁGICA PELO MUSEU HILMAR HARRY KLUCK E CONHEÇA AS MULHERES DE BARRO , QUE TRANSFORMAM A ARGILA EM ARTE, RESGATANDO A IDENTIDADE ANCESTRAL DA CERÂMICA DE 6 MIL ANOS. A HISTÓRIA DE PARAUAPEBAS ESTÁ ESPALHADA EM ARTEFATOS, GRAFISMOS E MORROS EXUBERANTES! VENHA SE CONECTAR COM O PASSADO, ENTENDER O PRESENTE E SE TORNAR UM VERDADEIRO GUARDIÃO DA NOSSA CULTURA LOCAL!

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 - O PASSADO E O PRESENTE: O MUSEU DE PARAUAPEBAS
HILMAR HARRY KLUCK (PÁGINA 7)

SEÇÃO 2 - A HISTÓRIA QUE VEM DO BARRO: O CENTRO MULHERES DE BARRO (PÁGINA 16)

SEÇÃO 3 - O MISTÉRIO DE 11 MIL ANOS: COMO VIVIAM OS POVOS ORIGINÁRIOS (PÁGINA 20)

QUE PASSARAM PELA REGIÃO DE CARAJÁS

SEÇÃO 4 - NOSSA HISTÓRIA, NOSSA CASA: LEVANDO O PASSADO PARA O FUTURO (PÁGINA 22)



PERSONAGENS

**PIRĂ (A ARARA-AZUL
PROTETORA)**



**IGUARÉ (A CURIOSA CAÇADORA-
COLETORA)**



**JAROPI (A JOVEM
CERAMISTA)**



PIRÃ (A ARARA-AZUL PROTETORA)



- REPRESENTA A RICA FAUNA E A NATUREZA EXUBERANTE DA FLORESTA NACIONAL DE CARAJÁS E REFORÇA O TOM AVENTUREIRO
- PIRÃ (NOME TUPI PARA "PEIXE", MAS COM SOM FAMILIAR E FÁCIL DE LEMBRAR PARA CRIANÇAS, E ARARAS-AZUIS VIVEM EM GRUPOS PRÓXIMOS A RIOS)

IGUARÉ (A CURIOSA CAÇADORA-COLETORA)



- REPRESENTA OS POVOS MAIS ANTIGOS (DATADOS DE 11.000 ANOS), QUE ERAM CAÇADORES-COLETORES E VIVIAM EM CAVERNAS, DEIXANDO REGISTROS RUPESTRES.
- IGUARÉ (NOME KAYAPÓ, REMETE A "ESPÉCIE DE ANIMAL")

JAROPI (A JOVEM CERAMISTA)



- REPRESENTA A FASE POSTERIOR (POVOS COM CERCA DE 6.000 ANOS) QUE DESENVOLVERAM A TECNOLOGIA DA CERÂMICA
- JAROPI (NOME TUPI, REMETE A "EMBARCAÇÃO" OU ALGO ASSOCIADO A RIOS, IMPORTANTES PARA O BARRO E A OCUPAÇÃO DA REGIÃO)

INTRODUÇÃO



O PROJETO DIDÁTICO EM QUESTÃO FOI ELABORADO PARA TURMAS DO 6º ANO, VISANDO ABORDAR A HISTÓRIA LOCAL DE PARAUAPEBAS, NO PARÁ, COM FOCO EM SUA RICA ANCESTRALIDADE, EM CONTRASTE COM A LINHA DO TEMPO TRADICIONAL QUE ASSOCIA O INÍCIO DA HISTÓRIA APENAS À CHEGADA DO PROJETO GRANDE CARAJÁS (PGC). POR MEIO DE UMA HISTÓRIA, O MATERIAL INTRODUZ O COTIDIANO E O LEGADO DE POVOS ANTIGOS, COMO OS XIKRIN DO CATETÉ, QUE AINDA OCUPAM A REGIÃO. VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DE ARTEFATOS DE PEDRA, CERÂMICA E ARTE RUPESTRE, ENCONTRADOS EM ÁREAS DE MINERAÇÃO E ESTUDADOS COMO MEDIDA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL, COMPROVAM A PRESENÇA MILENAR DESSES GRUPOS INDÍGENAS, CONSTITUINDO UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE VALOR INESTIMÁVEL. A ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA BUSCA CRIAR UMA PONTE ENTRE OS ESTUDANTES E ESSE PASSADO REMOTO, ARTICULANDO A TEORIA COM A VIVÊNCIA PRÁTICA, O QUE INCLUI O CONTATO DIRETO COM OS VESTÍGIOS NO MUSEU DE PARAUAPEBAS HILMAR HARRY KLUCK E UMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL COM CERÂMICA NA ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE BARRO. ESSA IMERSÃO LÚDICA E PRÁTICA É COSTURADA PELA LEITURA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS, PERMITINDO QUE OS ALUNOS VISUALIZEM E COMPREENDAM O MODO DE VIDA DESSES POVOS, FORTALECENDO, ASSIM, O ENSINO DE HISTÓRIA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO LOCAL.



MUSEU DE PARAUAPEBAS
HILMAR HARRY KLUCK

VAMOS COMEÇAR A DESVENDAR O MISTÉRIO DE 11 MIL ANOS DE PARAUPEBAS QUE É O MUSEU HILMAR HARRY KLUCK!

PENSEM NESTE LUGAR COMO O BAÚ DE TESOUROS DA CIDADE. ELE FOI CRIADO POR UMA LEI LÁ EM 2011, MAS, ASSIM COMO NÓS CRESCEMOS, O MUSEU TAMBÉM ESTÁ CRESCENDO! POR ENQUANTO, ELE FUNCIONA ONDE ERA A ANTIGA CÂMARA DE VEREADORES E DIVIDE O ESPAÇO COM A ESCOLA DE MÚSICA WALDEMAR HENRIQUE.

O GRANDE DESAFIO DO MUSEU É CONSEGUIR UM SALÃO BEM GRANDE, A ANTIGA PLENÁRIA, PARA MONTAR SUA EXPOSIÇÃO PERMANENTE³! MAL PODEMOS ESPERAR PARA VER TODOS OS ACHADOS PRÉ-HISTÓRICOS LÁ!

SE VOCÊ QUISER FAZER UMA VISITA DE RECONHECIMENTO, O MUSEU FICA FÁCIL DE ACHAR: NA RUA E, NÚMERO 520, NO BAIRRO CIDADE NOVA⁴. FICA PERTINHO DO CENTER CIDADE NOVA E DE FRENTE PARA A PRAÇA DE EVENTOS.

LOCALIZAÇÃO MUSEU DE PARAUPEBAS



FONTE: GOOGLE EARTH



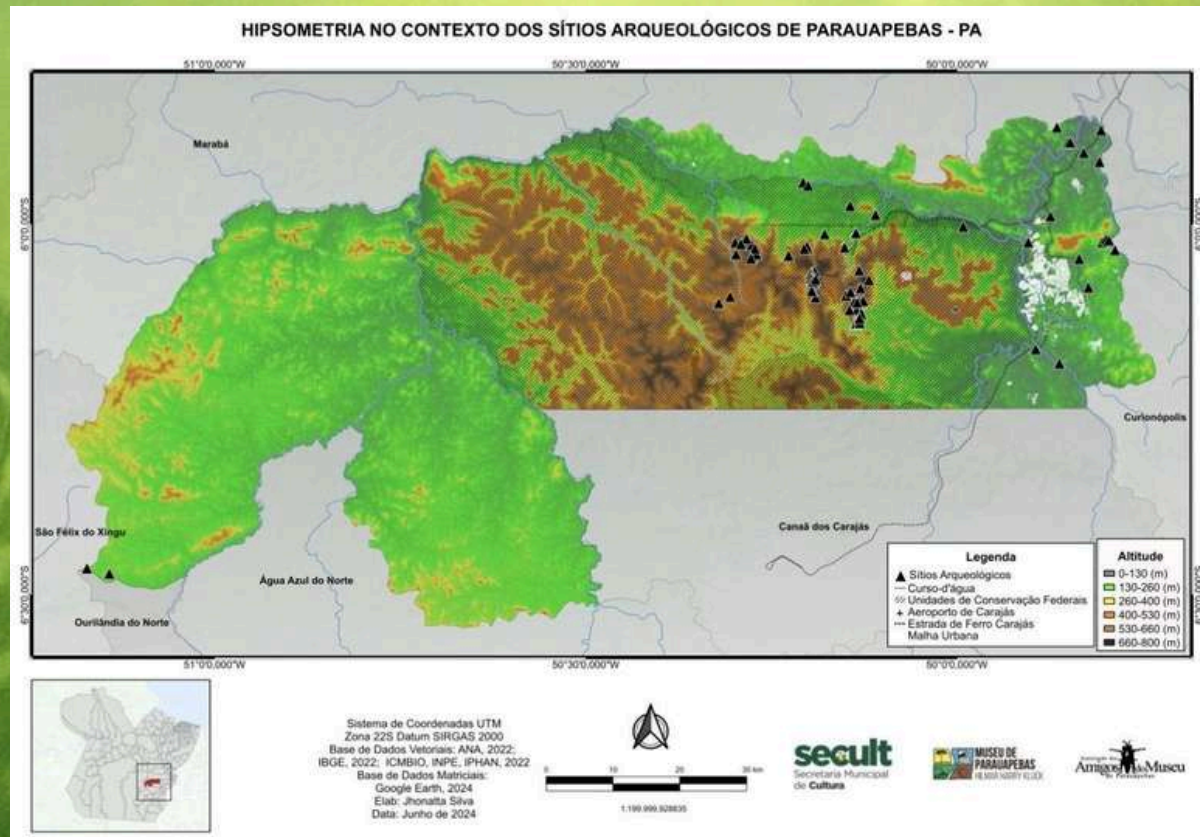
O MUSEU RECEBE ESSE NOME EM HOMENAGEM A HILMAR HARRY KLUCK. O HILMAR NASCEU LÁ NO SUL, EM BAGÉ, RIO GRANDE DO SUL, MAS SE MUDOU PARA O PARÁ EM 1949. AO CHEGAR AQUI, ELE VIVEU MUITOS ANOS JUNTO COM VÁRIOS GRUPOS INDÍGENAS, COMO OS ASSURINI, PARAKANÃ, GAVIÃO, SURUÍ, KAYAPÓ E ARARA, QUE MORAVAM PERTO DOS RIOS ARAGUAIA, TOCANTINS, XINGU E TAPAJÓS. MAS O MAIS IMPORTANTE É QUE ELE AJUDOU O POVO XIKRIN DO CATETÉ EM UMA LONGA JORNADA ATÉ ELES SE FIXAREM NA TERRA INDÍGENA DELES AQUI EM PARAUAPEBAS, ONDE ESTÃO ATÉ HOJE. QUE HISTÓRIA INCRÍVEL DE RESPEITO E AJUDA! O HILMAR É UM VERDADEIRO HERÓI DA NOSSA HISTÓRIA.



É MUITA HISTÓRIA EM UM SÓ LUGAR! O MUSEU PROVA QUE PARAUAPEBAS É UMA CIDADE COM RAÍZES PROFUNDAS!

OLHEM SÓ! O MUSEU HILMAR HARRY KLUCK FOI CRIADO EM 2011, MAS SÓ ABRIU DE VERDADE EM 2020. E SABEM QUAL É O SONHO DELE AGORA? CONSEGUIR UM ESPAÇO SEGURO E ADEQUADO PARA GUARDAR OS OBJETOS ARQUEOLÓGICOS (OS TESOUROS ANTIGOS!) QUE VIERAM DA MINERAÇÃO NA SERRA DOS CARAJÁS. POR ENQUANTO, ESSES TESOUROS ESTÃO GUARDADOS NO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E EM MARABÁ

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO DE PARAUAPEBAS



FONTE: MUSEU DE PARAUAPEBAS

FOTOGRAFIA AÉREA EVIDENCIANDO A CARACTERÍSTICA GEOGRÁFICA DA CIDADE,
SITUADA EM UMA ÁREA PLANA E CERCADA POR UM COMPLEXO DE ELEVAÇÕES E SERRAS



FONTE: MAYCON NUNES/AG. PARÁ, 2022

CARACTERÍSTICA GEOGRÁFICA FLONA CARAJÁS



FONTE: GOOGLE FOTOS/INSTITUTO TECNOLÓGICO VALE

FLOR DE CARAJÁS ESPÉCIE-SÍMBOLO DE PARAUAPEBAS É
UMA PLANTA ENDÊMICA ENCONTRADA EXCLUSIVAMENTE
NOS PLATÔS DE CAMPOS RUPESTRES FERRUGINOSOS DA
SERRA NORTE DA FLORESTA NACIONAL DE CARAJÁS



FONTE: NOTÍCIAS PREFEITURA DE PARAUAPEBAS/GOOGLE



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2025

VEJAM SÓ ESTA PEÇA DE CERÂMICA! ELA É SUPER ESPECIAL E PROVA UMA COISA MUITO IMPORTANTE.

ELA NÃO FOI ENCONTRADA NAS ÁREAS DE MINERAÇÃO DA SERRA DE CARAJÁS, QUE É ONDE A MAIORIA DAS PESQUISAS ACONTECE. ESTA CERÂMICA FOI ACHADA 'POR ACASO' – CHAMAMOS ISSO DE ACHADO FORTUITO – NAS MARGENS DO RIO PARAUAPEBAS! DEPOIS, ALGUÉM A DOOU PARA O NOSSO MUSEU

ISSO NOS MOSTRA QUE OS POVOS ANCESTRAIS NÃO VIVIAM SÓ LÁ NO ALTO DAS SERRAS! A HISTÓRIA, A ARQUEOLOGIA, ESTÁ ESPALHADA POR TODO O MUNICÍPIO, ATÉ PERTINHO DOS RIOS! OU SEJA, TEM TESOURO E MISTÉRIO EM TODOS OS CANTOS DE PARAUAPEBAS, NÃO SÓ ONDE TEM MINÉRIO!



COCAR USADO EM RITUAIS RELIGIOSOS POR PAJÉ. MATERIAL DOADO PELOS XIKRIN DO CATETÉ



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2025

ADORNOS INDÍGENAS DOADOS AO MUSEU DE PARAUAPEBAS PELOS XIKRIN DO CATETÉ



FONTE: ACERVO PESSOAL, 2025

HISTÓRIA QUE VEM DO
BARRO: O CENTRO
MULHERES DE BARRO

AGORA VAMOS PARA UM DOS LUGARES MAIS CRIATIVOS DE PARAUAPEBAS: O CENTRO MULHERES DE BARRO DE EXPOSIÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL!



ESTE LUGAR INCRÍVEL FOI INAUGURADO EM 2016 E É CUIDADO POR UM GRUPO DE MULHERES CERAMISTAS, QUE SÃO ARTISTAS, EDUCADORAS E GESTORAS CULTURAIS. ELAS SE UNIRAM NA COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DA REGIÃO DE CARAJÁS

FAIXADA DO CENTRO MULHERES DE BARRO NO RIO VERDE



FONTE: ACERVO PESSOAL- 2025

NO ATELIÊ, AS MÃOS ÁGEIS DAS MESTRAS CRIAM PEÇAS ÚNICAS, DESDE A PREPARAÇÃO DA ARGILA ATÉ A QUEIMA. MAS O MAIS EMOCIONANTE É QUE ELAS SE INSPIRAM NOS ARTEFATOS DEIXADOS PELOS POVOS QUE VIVERAM AQUI HÁ 6 MIL ANOS! ELAS USAM ATÉ PIGMENTOS MINERAIS, COMO FERRO E COBRE, PARA COLORIR A CERÂMICA E RESGATAR A IDENTIDADE REGIONAL. ELAS DÃO VIDA NOVA À HISTÓRIA!

É A HISTÓRIA DE 6 MIL ANOS
GANHANDO VIDA NAS MÃOS
DELAS!



SABEM COMO O GRUPO MULHERES DE BARRO SE FORMOU? É UMA HISTÓRIA DE DESCOBERTA! TUDO COMEÇOU ENTRE 2005 E 2011, DURANTE UM TRABALHO DE ARQUEOLOGIA NO PROJETO SALOBO. AS MULHERES PARTICIPARAM DE UMAS AULAS CHAMADAS 'OFICINAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL'



FONTE: ARQUIVO MULHERES DE BARRO

AS PEÇAS QUE ELAS FAZEM SÃO INSPIRADAS EM VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS NA SERRA DOS CARAJÁS E NA FLORESTA NACIONAL TAPIRAPÉ-AQUIRI. ESSES VESTÍGIOS SÃO DE POVOS QUE VIVERAM NAS MARGENS DO RIO ITACAIÚNAS E SEUS AFLUENTES HÁ PELO MENOS SEIS MIL ANOS!

SALÃO DE VISITAS MULHERES DE BARRO



FONTE: ARQUIVO CENTRO MULHERES DE BARRO

VASOS DE CERÂMICA DE GRAFISMOS QUE ERAM FEITOS PELOS POVOS ORIGINÁRIOS QUE PASSARAM PELA REGIÃO HÁ 6 MIL ANOS ATRÁS ONDE HOJE É O PROJETO DE EXPLORAÇÃO MINERAL DO SALOBO



FONTE: ARQUIVO CENTRO MULHERES DE BARRO



ELAS NOS ENSINAM QUE PODEMOS APRENDER COM OS SABERES DOS POVOS ORIGINÁRIOS E LEVÁ-LOS PARA O FUTURO!



COMO VIVIAM OS POVOS
ORIGINÁRIOS QUE
PASSARAM PELA REGIÃO DE
CARAJÁS?

FLORESTA NACIONAL DE CARAJÁS SUA MATA
FECHADA E SUAS SERRAS E MORROS EXUBERANTES



KLIMANATURALE/GOOGLE

SEGUNDO O ARQUEÓLOGO MARCOS PEREIRA MAGALHÃES, ESTA REGIÃO É SUPERIMPORTANTE PARA ENTENDER COMO O SER HUMANO OCUPOU A AMAZÔNIA. É AQUI QUE ESTÁ GUARDADO O NOSSO SEGREDO MILENAR!

ELES ERAM CAÇADORES-COLETORES. ISSO SIGNIFICA QUE:

- ELES MORAVAM EM LUGARES COMO CAVERNAS.
- VIVIAM DA COLETA DE FRUTOS.
- CAÇAVAM ANIMAIS.
- E ATÉ DEIXARAM SUAS ASSINATURAS E RECADOS EM FORMA DE PINTURAS NAS PEDRAS (ARTE RUPESTRE)!

IMAGINEM SÓ: O SOL BRILHA NO CÉU AZUL, AS NUVENS PASSAM DEVAGAR, E A FLORESTA EXUBERANTE NOS CERCA. NO MEIO DE TUDO ISSO, NOSSOS ANCESTRAIS ESTÃO TRABALHANDO, CAÇANDO E CONTANDO HISTÓRIAS NAS PAREDES DAS CAVERNAS.





NOSSA HISTÓRIA, NOSSA
CASA: LEVANDO O PASSADO
PARA O FUTURO



UAU! QUE VIAGEM INCRÍVEL QUE
FIZEMOS, NÃO É MESMO? VIMOS QUE A
HISTÓRIA DE PARAUPEBAS É MUITO
MAIOR DO QUE A GENTE IMAGINAVA, COM
MARCAS DE POVOS QUE VIVERAM AQUI
HÁ 11 MIL ANOS!

MAS A AVENTURA NÃO TERMINA AQUI!

O GRANDE SEGREDO QUE DESCOBRIMOS É QUE ESSES
POVOS ORIGINÁRIOS DEIXARAM PISTAS POR TODA
PARTE: EM ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS E NAS
PINTURAS RUPESTRES NAS CAVERNAS!

SEU DESAFIO DE GUARDIÃO DA HISTÓRIA:

- VISITE! EU TE CONVIDO A CONHECER DE PERTO O MUSEU HILMAR HARRY KLUCK E O CENTRO MULHERES DE BARRO. NESSES LUGARES, VOCÊ VAI TOCAR, VER E APRENDER DE VERDADE SOBRE A NOSSA HISTÓRIA.
- COMPARTILHE! QUANDO VOCÊ DESCOBRIR ALGO NOVO NO MUSEU OU NO CENTRO, CONTE PARA SUA FAMÍLIA E SEUS AMIGOS! VOCÊ SE TORNA UM MULTIPLICADOR, LEVANDO TODO ESSE CONHECIMENTO E SABEDORIA PARA FRENTE!

LEMBRAR DO NOSSO PASSADO ANCESTRAL É A MELHOR FORMA DE
CONSTRUIR UM FUTURO FORTE PARA A NOSSA CASA!

REFERÊNCIAS

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História in: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). História: Ensino Fundamental, coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

COSTA, Lucivaldo Silva da. Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê). Brasília, DF, 2015.

Charles Benedito Gemaque; PEREIRA, Tania Cristina Brunele. A urbanização no entorno dos Grandes Projetos da Amazônia: As áreas de risco em Parauapebas (PA). IV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade – ANPPAS. Brasília – DF, 04, 05 e 06 de Junho de 2008.

FUNARI, Pedro Paulo & NOELLI, Francisco Silva. Pré-história do Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. São Paulo: Ática, 3ª ed. 2ª reimpressão.– São Paulo: Contexto, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo. Como se tornar arqueólogo no Brasil. Revista USP, 44, 74–85, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, MARCOS PEREIRA. A physis da origem: o sentido da história na Amazônia. Editora: museu paraense Emílio Goeldi, 2005.

PEREIRA. Edithe. A Arte Rupestre na Amazônia – Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003.

ROCHA, Avone José Araújo. À margem do Projeto Ferro Carajás: Uma pequena contribuição à história social e cultural de Parauapebas (1980–2004). Goiânia: Kelps, 2018.

SITES CONSULTADOS

<https://parauapebas.pa.gov.br/destaque/museu-de-parauapebas-retrata-a-historia-e-a-cultura-dos-primeiros-habitantes/>

<https://centromulheresdebarro.com.br/>

<https://parauapebas.pa.gov.br/destaque/flor-de-carajas-e-especie-simbolo-de-parauapebas/>

Autor:

Fabiano da Silva Ramos
Raimundo Erundino Santos Diniz

Revisão:

Raimundo Erundino Santos
Diniz

Diagramação:

Eliza Ferreira Barros
Juliana Barbosa Diniz

Tipografia:

Sniglet
Aloja
Montaser Arabic

Animação e design:

Eliza Ferreira Barros
Juliana Barbosa Diniz

